

AD: Capa na cor rosa com lettering ao centro escrito Caderno de Boas Práticas, nas cores branco e amarelo, separada por uma linha branca com a frase abaixo escrita, na cor branca, "Narrativas e Experiências na Formação Remota em Educação Inclusiva em Itaguaí – RJ". No canto superior direito e no inferior esquerdo, fazendo referência à educação, há uma padronagem composta de figuras desenhadas na cor amarela como notas e instrumentos musicais, cubos sobrepostos com as letras A, B, C, telas de computador, livros abertos e paletas de aquarela com pincel.

= CADERNO DE = BOAS PRÁTICAS

NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS
NA FORMAÇÃO REMOTA
EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM ITAGUAÍ-RJ



Esta publicação é fruto do projeto Educação Inclusiva, uma iniciativa da Fundação Vale em parceria com a Agência de Iniciativas Cidadãs (AIC) e a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Itaguaí- RJ.

FUNDAÇÃO VALE

PRESIDÊNCIA CONSELHO DE CURADORES
Luiz Eduardo Osorio

PRESIDÊNCIA
Hugo Barreto

GERÊNCIA
Pâmella De-Cnop

EQUIPE
Andreia Prestes
Carla Vimercate
Fernanda Fingerl
Lívia Zandonadi
Mariana Pedroza

VALE

DIRETORIA EXECUTIVA SUSTENTABILIDADE,
COMUNICAÇÃO E RELAÇÕES INSTITUCIONAIS
Luiz Eduardo Osorio

DIRETORIA DE SUSTENTABILIDADE E
INVESTIMENTO SOCIAL
Hugo Barreto

GERÊNCIA EXECUTIVA DE INVESTIMENTO
SOCIAL, CULTURA E INOVAÇÃO
Flavia Constant

Publicado digitalmente em dezembro de 2020.

PUBLICAÇÃO

CONCEPÇÃO DO CONTEÚDO E
ELABORAÇÃO DE TEXTOS
Danusa Tederiche
Kênia Chagas
Jessica Caldeira
Luísa Camargos
Priscylla Ramalho

REVISÃO
Allan Damasceno
Carla Vimercate
Jessica Caldeira
Priscylla Ramalho

PROJETO GRÁFICO
Jessica Kawaguiski
(identidade visual do projeto)

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÕES
Paola Menezes -Árvore de Design

AGÊNCIA DE INICIATIVAS CIDADÃS (AIC) -
EXECUÇÃO

DIREÇÃO
Rafaela Lima

GESTÃO DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Bárbara Pansardi

GESTÃO DE PROGRAMAS EDUCACIONAIS
Priscylla Ramalho

COORDENAÇÃO DO PROJETO
Jessica Caldeira

EQUIPE
Danusa Tederiche
Karla Damiani
Kênia Chagas
Luísa Camargos
Shirley Martins

Agradecemos à Secretária Municipal de Educação e Cultura de Itaguaí - Rio de Janeiro. E agradecemos, em especial, a todas as educadoras e educadores que contribuíram significativamente com seus aprendizados e experiências docentes, para tornar esta publicação possível:

Adna dos Santos Silveira, Adriana Fialho dos Reis Soares, Agnéia Eccard de Souza, Aldenira Nascimento da Cunha, Allan Filipe Lima de Sousa, América Torres da Silva Cavalcante, Ana Carla Breta Braz dos Santos, Ana Cristina Belmonte Lima Pinha, Ana Cristina da Silva, Andréa Gomes Fajardo Ribeiro, Andreza Azevedo dos Santos, Bianca Gonçalves da Silva, Carla Cristina de Lima Santiago, Carlos Alberto Lopes Viana, Carmem Beatriz Silva, Carolina Guedes Braga Viggiano, Cássia Regina Ramos da Silva, Catarina Gorett de Lima Santiago, Cláudia dos Santos Moreira, Cláudia Lima Gomes Xavier, Cláudia Regina Lima de Assis, Cláudia Regina de Lima Santiago, Cleide Ferreira, Cristiane Fernandes de Sant'Anna, Cristina Santos Chabudee Baracho de Lima, Daniela de Moraes Dutra Landim, Daniele Silva Lima, David Santos Ferreira, Denise Spoliante Salutti, Denise Aparecida de Gomes Uhlig, Dóris dos Reis Carvalho Coelho, Dayane Rodrigues da Conceição Coelho, Dayane Marques de Ataídes, Edivane Cabral de Lima, Edmila Fernandes Bernardo dos Santos, Elisabete Alves de Oliveira, Elissa Vieira Gonçalves Romão, Elizabeth de Freitas Coutinho Pereira, Érica Cristina Oliveira da Silva, Fabiana Oliveira Neves, Fernanda Pereira Medeiros, Flávia Farias de Oliveira de Rezende, Gabriela Pinto Schettino, Geruza Raton Florêncio de Oliveira, Grazielle Lima Oliveira, Hellen Cristina Carvalho Guimarães Faleiro, Heloísa Helena Santos da Silva, Hilsinete Senna dos Santos Manhães, Ilma Pereira de Mello, Ilônia Márcia de Miranda Paulo, Isabela da Fonseca Menichelli, Itamara de Oliveira Copello, Ivanete Ferreira de Siqueira, Jacinto Francine, Janaína Simão da Silva de Oliveira, Jane de Freitas Neto, Joice da Conceição Gomes Lage, Joseana Peixoto Fagundes, Juliana de Menezes Ferreira, Juliana Figueroa Jacintho de Andrade, Juliana Lima de Jesus Avilez, Juliana Marques Silva, Jussara Freitas Silva, Kátia Aparecida Felix de Oliveira Padela, Laiza Pereira Martins, Larissa Rosa Racca (in memoriam), Leandro Ferreira Fonseca, Leila de Lima Pereira Lopes, Leila Marques Nonato Soares, Letícia Macedo de Araújo Abreu, Letícia Maria Venâncio Góes, Lia Rodrigues, Lígia Athayde da Silva, Lilian Kelly Amaral de Souza Eugênio, Luci Duarte Pereira da Silva, Lúcia Helena Torezani da Silva, Lúcia Sayuri Yokoyama, Luciana de Sá, Luciana Karla De Oliveira Cicarino, Luciane Leal do Valle, Luciene Xavier Cordeiro, Luiz Henrique Lopes Borges, Lourivia Santos de Vasconcellos, Manon Maria Ferreira de Brito, Marcela de Alcântara de Carvalho, Marcelo Donizete de Barros, Marcelo do Nascimento Dias, Márcia de Souza Barbosa Moreira, Margareth Ferreira, Maria Cláudia Freitas de Souza, Maria de Lourdes Brzeski Barbosa, Maria Lúcia Padela Carrasco, Maria Rozinete Moreira de Oliveira, Marinalda de Lima Lemes, Marli dos Santos Fernandes, Mary Lucy de Oliveira Borges, Mirian Renata Medeiros dos

Santos Vale, Mônica Cristina Freitas de Souza, Natália da Silva Siqueira Azevedo, Natalina Alves Batista, Nilce de Oliveira Nascimento Ramos, Norma Duarte Portugal, Ninah de Freitas Ribeiro, Patrícia da Silva Siqueira, Paulo Arthur Rodrigues de Oliveira, Rafael Ribeiro Menezes, Raquel Eliane Nunes Gonçalves, Regina Célia Teixeira de Freitas, Renata Mendes Valverde de Oliveira Gonçalves, Richard Clayton Braga Lisbôa Reis, Rodrigo Silva Freire, Rogéria Tavares Moreira Impronta, Rosana da Silva Sant´Ana, Rosângela de Souza Cardoso, Rose Mary Calle da Silva Wanderley, Sabrina Barbosa de Carvalho, Sandra Dias Pimenta Da Silva, Sandra Lúcia da Conceição Serôdio Prata, Shirlei Chagas Moura Silva, Sidinéia Maria Ramos Muniz, Sílvia Letícia Mello da Silva, Simone Rodrigues Brandão, Soliete Ribeiro da Silva, Sônia Cristina Moreira Machado, Sônia Isabel Valentim Costa, Tânia Maria da Silva Medeiros, Tatiana Alves Silva, Tatiana de Sena de Araújo de Jesus Juvenal, Tatiane Coutinho Farias dos Santos, Thaís Pinto Bragança, Thaís Ribeiro Corrêa Pinto, Thaís Silva de Souza, Valéria Guimarães Cyrne, Valéria Porto Cezario, Vanessa Braga de Souza, Vanessa Silva do Nascimento, Verônica Cristina Brum Francisco Moreira, Viviane dos Santos Moreira, Viviane da Silva Bernardino e Waldemira Machado de Oliveira.

Sumário

6	APRESENTAÇÃO
8	INTRODUÇÃO
12	1. DIÁRIO DE BORDO – RELATOS DE APRENDIZAGENS
12	1.1. Mapas mentais
16	1.2. Diário de bordo, narrativas e reflexões
24	1.3. Poesias
34	1.4. Paródias
36	2. DIÁRIO DE BORDO – RELATOS DE EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS
37	2.1. Deficiência Visual
39	2.2. Deficiência Intelectual
42	2.3. Deficiência Auditiva
42	2.4. Transtornos do Espectro Autista (TEA) / Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD)
46	2.5. Dicas de Atividades
54	2.6. Experiências na Pandemia
62	Considerações finais
63	Referências

APRESENTAÇÃO

Já dizia o poeta Manoel de Barros que o *delírio do verbo está na fala da criança, quando ela diz: “Eu escuto a cor dos passarinhos”*. A criança sabe que o verbo escutar não funciona para as cores, mas para os sons. Assim, o verbo começa a delirar. O delirar aprendido com o poeta nos provoca a pensar os sentidos outros que as crianças criam nas palavras para expressarem suas percepções de mundo.

Convidamos você também a delirar como fazem as crianças com os verbos e a partir da leitura do “Caderno de Boas Práticas” apurar o olhar, inverter as lentes, dar abertura à escuta sensível e aguçar a imaginação e criatividade a fim de pensar de outros modos o dia a dia da Educação Inclusiva, em especial dos alunos matriculados do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, elaborada pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Secretaria de Educação Especial (SEDESP) visa promover a educação de qualidade para todos os estudantes (BRASIL, 2008)¹. Uma das diretrizes para a inclusão é o Atendimento Educacional Especializado (AEE) que deve acontecer por meio das salas de recursos multifuncionais (SRM), Centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos. As salas de recursos devem ter mobiliários, materiais didáticos, recursos pedagógicos e de acessibilidade, equipamentos específicos e professores especializados para o atendimento às necessidades especiais dos estudantes. Portanto, além do desafio de garantir o acesso à infraestrutura há também os desafios da formação docente e a efetiva integração das políticas e dos atores envolvidos no atendimento a esses estudantes, envolvendo gestores, educadores, famílias e a comunidade.

Neste contexto, a Fundação Vale busca contribuir para a melhoria da Educação Básica por meio da formação continuada de educadores e do fortalecimento de práticas de inclusão e diversidade. A instituição acredita que esses são princípios essenciais para a universalização da educação, uma vez que reconhecem, valorizam as diferenças e as distintas formas de sentir e significar o mundo a partir de cada sujeito. Por isso, desde 2017, a Fundação Vale executa o projeto Educação Inclusiva, que abrange ações de formação continuada, para profissionais que atuam junto a estudantes com deficiência, e de implementação ou suplementação de salas de recursos multifuncionais em diversos municípios e estados brasileiros. Já foram contemplados pelo projeto os municípios mineiros de Catas Altas (2016-2017); Barão de Cocais, Itabira, Rio Piracicaba, Santa Bárbara e São Gonçalo do Rio Abaixo (2017-2018); além de Mangaratiba – Rio de Janeiro (2018-2019); e Ibirajú e Fundão – Espírito Santo (2019).

Em 2020, foi a vez do município de Itaguaí, no Rio de Janeiro. O projeto é uma parceria com a Secretaria de Educação e Cultura do município, executado pela AIC Agência de Iniciativas Cidadãs². Em virtude da pandemia do novo coronavírus, esta edição do projeto teve a maior parte das atividades formativas realizadas na modalidade remota, por meio de encontros de formação síncronos e assíncronos, com um público de cerca de 150 educadores/as e gestores/as escolares.

A primeira etapa do projeto Educação Inclusiva em Itaguaí consistiu na realização de um diagnóstico, construído com base em visitas técnicas às escolas e diálogo com a equipe técnica da Secretaria de Educação e Cultura e gestores escolares. Essa etapa foi fundamental para conhecer a realidade local e definir as escolas que receberiam a complementação de materiais nas SRM, a fim de que eles possam contribuir para garantir acessibilidade e participação dos estudantes com deficiências nos processos de aprendizagem. Os dados analisados a partir do diagnóstico também subsidiaram a elaboração do programa de formação em Educação Inclusiva voltada a educadores e gestores escolares com o objetivo de construir conhecimentos e espaços de compartilhamento de práticas e de promover a sensibilização, o fortalecimento e aprimoramento das práticas pedagógicas na perspectiva da educação inclusiva.

Esta publicação é resultado do processo formativo, reunindo a sistematização de algumas das reflexões e práticas dos profissionais que participaram da formação. Ela é também complementar aos cadernos já publicados em edições anteriores do projeto, ampliando o acervo que vem sendo construído. Esperamos que esta terceira publicação, produzida a partir das reflexões e práticas de educadores/as do município de Itaguaí, inspire transformações nas instituições escolares, nas práticas pedagógicas e contribua para tornar efetivas as ações e políticas educacionais na perspectiva da educação inclusiva e democrática para todos os/as estudantes, com e sem deficiência, de forma que possam ter seu direito à aprendizagem e ao desenvolvimento integral plenamente garantido.

Boa leitura!

¹ O Decreto 10502/2020 revogou a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL,2008). Porém, no momento que esta publicação foi divulgada, o Decreto 10502/2020 se encontrava suspenso por decisão do Supremo Tribunal Federal.

² A AIC, outrora Associação Imagem Comunitária, alterou sua razão social durante a produção desta publicação. Adotamos aqui a nossa nova identidade: Agência de Iniciativas Cidadãs.

INTRODUÇÃO

Somos, sem dúvidas, homens e mulheres cheios de esperança, pois temos que ter esperança do verbo esperar, porque há outros que têm esperança do verbo esperar, não é esperança, é espera: eu espero que dê certo, espero que funcione, espero que resolva... Esperançar é ir atrás, é juntar, é não desistir. (FREIRE, 1992)

Inspirados no esperançar de Paulo Freire, entendemos que o agir, em lugar do esperar, nos coloca como protagonistas nos processos de transformação que queremos construir. Esperançar, nesse sentido, diz respeito também à corresponsabilidade, em que todas e todos têm o seu papel a desempenhar no processo de execução das políticas educacionais. Nesse sentido, a educação inclusiva tem sido muito cara para a educação brasileira, uma vez que, diante do enorme desafio de promover efetivamente a inclusão de crianças, adolescentes e jovens na escola, constrói novos sentidos e significados sobre o direito à educação e seu papel na sociedade.

As políticas educacionais de inclusão visam combater todo e qualquer tipo de exclusão pelas diferenças, sejam elas de classe social, geracionais, de gênero, de raça ou relativas a quaisquer tipos de deficiência. A inclusão deve oferecer e dar oportunidades iguais de acesso a bens e serviços para todo/a o/a cidadão/cidadã brasileiro/a. No que tange às pessoas com deficiência, o Decreto Federal nº186/2008, que aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, em seu artigo 4º, determina que

Os Estados Partes se comprometem a assegurar e promover o pleno exercício de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência, sem qualquer tipo de discriminação por causa de sua deficiência (BRASIL, 2008).

Em agosto de 2009, o Congresso Nacional brasileiro, no caminho em prol da cidadania aberto pela Constituição Federal de 1988, promulgou com o Decreto nº 6.949, a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Por meio dessa ação, o Brasil assumiu, ao lado de outros países, o compromisso legal de “promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência” (Artigo 1). Além disso, também confirmou a defesa de princípios importantes para a inclusão conferindo respeito à dignidade, à liberdade e à autonomia das pessoas. Dentre esses princípios, destacam-se o rompimento com quaisquer tipos de discriminação, a acessibilidade, a igualdade de oportunidades e o direito de desenvolvimento das capacidades de crianças com deficiência. Desde a publicação do decreto, foram dados muitos passos em direção a uma sociedade mais inclusiva e não discriminatória. O Estatuto da Pessoa com Deficiência, em 2015, ratifica esses direitos fundamentais colocando em evidência no cenário nacional a pauta da inclusão social e a

urgência de garantir às pessoas com deficiência a sua condição de sujeitos de direito, com garantia de cidadania participativa plena e efetiva no país.

No campo da educação, podemos destacar alguns grandes avanços na política pública expressos, entre outras normativas: na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008); nas Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica (2008); nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica – DCNs (2010, 2013) e na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017). Todas como resultados do esperar aprender com Paulo Freire que resultou em caminhar com muita luta, debates e posicionamentos políticos nacionais e internacionais sobre educação e direitos humanos.

Cada uma delas apresenta diretrizes e orientações para a pauta da Educação Inclusiva. A primeira institucionaliza uma política pública de inclusão, objetivando acesso ao ensino regular a todos os estudantes com deficiências e transtornos globais do desenvolvimento. Já a segunda atenta-se para as condições do oferecimento de educação de qualidade acessível a todos. Seu foco é o Atendimento Educacional Especializado (AEE), cuja função é “identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas” (BRASIL, 2008). As Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) e os Centros de Atendimento Educacional são a base do AEE. Por meio deles, o AEE promove uma formação geradora de autonomia e independência dentro e fora da sala de aula.

Por sua vez, as DCN destacam que a Educação Especial e Inclusiva deve ser prevista no Projeto Político Pedagógico (PPP) das unidades escolares e que os sistemas de ensino têm a obrigação de matricular todos os estudantes com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento/transtornos do espectro autista e altas habilidades/superdotação, respeitando as demandas educacionais de cada um deles. Além disso, elas também indicam a importância de se garantir as condições profissionais, pedagógicas e sociais para construção de uma sala de aula em que haja diálogo entre professor e alunos, aprendizagem interativa, interdisciplinar e inclusiva.

Por último, como documento mais recente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) abraça os compromissos afirmados no Estatuto da Pessoa com Deficiência em uma proposta de educação integral que, orientada pelos princípios da igualdade, da diversidade e da equidade, leva em consideração a necessidade de realizar, de acordo com as especificidades e necessidades dos estudantes, práticas pedagógicas inclusivas e adaptações curriculares. De acordo com o MEC (2015), é necessário que as “escolas brasileiras se transformem em espaços inclusivos e de qualidade, que valorizem as diferenças sociais, culturais, físicas e

emocionais e que atendam às necessidades educacionais de cada aluno”. Orienta também para a importância de se “estabelecer redes de apoio à inclusão educacional”.

Em que pesem todos esses avanços normativos em relação à educação inclusiva, há ainda inúmeros desafios para que as escolas se tornem efetivamente inclusivas. Infelizmente, as legislações vigentes não têm como consequência direta a garantia do acesso, da permanência e da qualidade da aprendizagem do/a estudante. E isso ocorre por várias razões das quais podemos destacar a carência de recursos, dificuldades na formação docente, desconhecimento e descumprimento das orientações nacionais, incompreensão das expectativas, particularidades e individualidades dos/as estudantes, distanciamento da comunidade, formalização inadequada do Projeto Político Pedagógico (PPP) e a cultura de discriminação e preconceito existente na sociedade. Ainda hoje, depois de anos de discussões e alterações em políticas, muitas são as barreiras a ultrapassar para efetuar na prática a inclusão escolar e, assim, gerar um processo de ensino-aprendizagem que envolvam estudantes, profissionais e comunidade local.

A publicação deste **CADERNO DE BOAS PRÁTICAS – Narrativas e experiências na formação remota em Educação Inclusiva em Itaguaí-RJ** é resultado do compartilhamento de aprendizados, experiências e práticas ao longo da formação em Educação Inclusiva junto aos/às gestores/as e educadores/as das escolas municipais de Itaguaí participantes do projeto, em 2020. Como continuidade do CADERNO DE ATIVIDADES – Formação em Educação Inclusiva e junto às publicações das edições anteriores do projeto, este material compõe um importante referencial conceitual e prático-metodológico para apoio à prática pedagógica voltada ao atendimento de estudantes com deficiência. Esperamos que ele sirva de inspiração para corroborar com a formação e o aprendizado e que possa ser compartilhado amplamente com outros/as educadores/as e gestores/as escolares que atuam na Educação Inclusiva.

O CADERNO DE BOAS PRÁTICAS foi organizado em duas partes a partir dos Diários de Bordo produzidos pelos/as participantes da formação. A primeira parte denominada “Diário de Bordo - Relatos de Aprendizagens” apresenta a sistematização de conhecimentos e saberes construídos pelos/as cursistas ao longo da formação. As linguagens e formatos assumidos nos diários de bordo se deram de forma livre e criativa: poesias, paródias, mapas mentais, músicas, narrativas, entre outros. A segunda parte da publicação – “Diário de Bordo-Relatos de Experiências e Práticas” – apresenta um consolidado das experiências vivenciadas pelos gestores/as e educadores/as no cotidiano escolar, tanto presencialmente como remotamente.

No processo de curadoria dos trabalhos, diante da impossibilidade de incluir todos os 190 trabalhos recebidos, em virtude da limitação de tamanho da publicação, foram selecionados os trabalhos que, além de atenderem às orientações de produção dos relatos, contemplassem uma ampla diversidade de formatos, de abordagens, de conteúdos, de linguagens e de estilos, e que pudessem refletir ainda a diversidade de escolas representadas na formação. Alguns trabalhos foram editados e passaram por revisão de texto, compreendendo pequenas correções e/ou supressões, sem, contudo, alterar o estilo, o sentido e a originalidade ou comprometer o entendimento do relato.

Por fim, vale destacar a participação especial da Luísa Camargos, integrante da equipe técnica da AIC, primeira jovem com Síndrome de Down a se formar em Relações Públicas no Brasil. Luísa esteve em diálogo com os/as cursistas na formação, participando das videoaulas e de alguns dos encontros presenciais e online e traz novamente suas contribuições neste caderno.

Ressaltamos que o objetivo da Educação Inclusiva não assume o lugar de tornar todas as crianças e estudantes iguais, mas sim respeitar e valorizar as diferenças. Desejamos que o esperar que trouxemos no início deste texto nos impulse a continuar trabalhando coletivamente em busca da educação igualitária, democrática e inclusiva para todas e todos.

Aproveite!

1

DIÁRIO DE BORDO – RELATOS DE APRENDIZAGENS

Dica da Luísa Camargos:

AD: Conteúdo a seguir em box, com cantos arredondados, em formato de texto explicativo, utilizado todas as vezes seguintes em que aparecer o título “Você sabia”.

Você sabia...

Que o diário de bordo servia para contar história das épocas das navegações marítimas? Tudo que acontecia nas viagens, os planos futuros, a vida, seus passeios, o seu cotidiano era tudo registrado como uma forma de guardar na memória as experiências e aprender com elas.

O diário de bordo pode conter referências a impressões, acontecimentos, observações, ações, reflexões, desejos, leituras, escuta do outro, lembranças, emoções, etc. É, portanto, uma escrita mais livre que assume inicialmente a forma de um “diário-rascunho” e se torna progressivamente mais elaborado, até se tornar publicável (Barbier, 2007).



AD: À esquerda tem um círculo amarelo com a imagem de um avatar representando a Luísa Camargos, uma jovem com síndrome de Down de pele clara, cabelos castanhos claros, com vestido rosa e detalhes em branco e com pose de braços cruzados.

Assim como os navegadores, sistematizamos nesse diário de bordo coletivo o aprendizado e a experiência de cada participante, para que com esses relatos, todos possam aprender com a experiência e contribuição de cada um/a. Cada educador/a ou gestor/a foi dando cara e materialidade aos conhecimentos compartilhados produzindo um relato personalizado, de acordo com a própria identidade. Por isso, a seguir encontraremos variados formatos de produções, utilizando texto, imagem e até mesmo sons, problematizando as aprendizagens conforme a particularidade, sensibilidade e criatividade de cada participante. São diários de bordo em forma de mapas mentais, narrativas, reflexões, poesias e paródias.

1.1. Mapas mentais

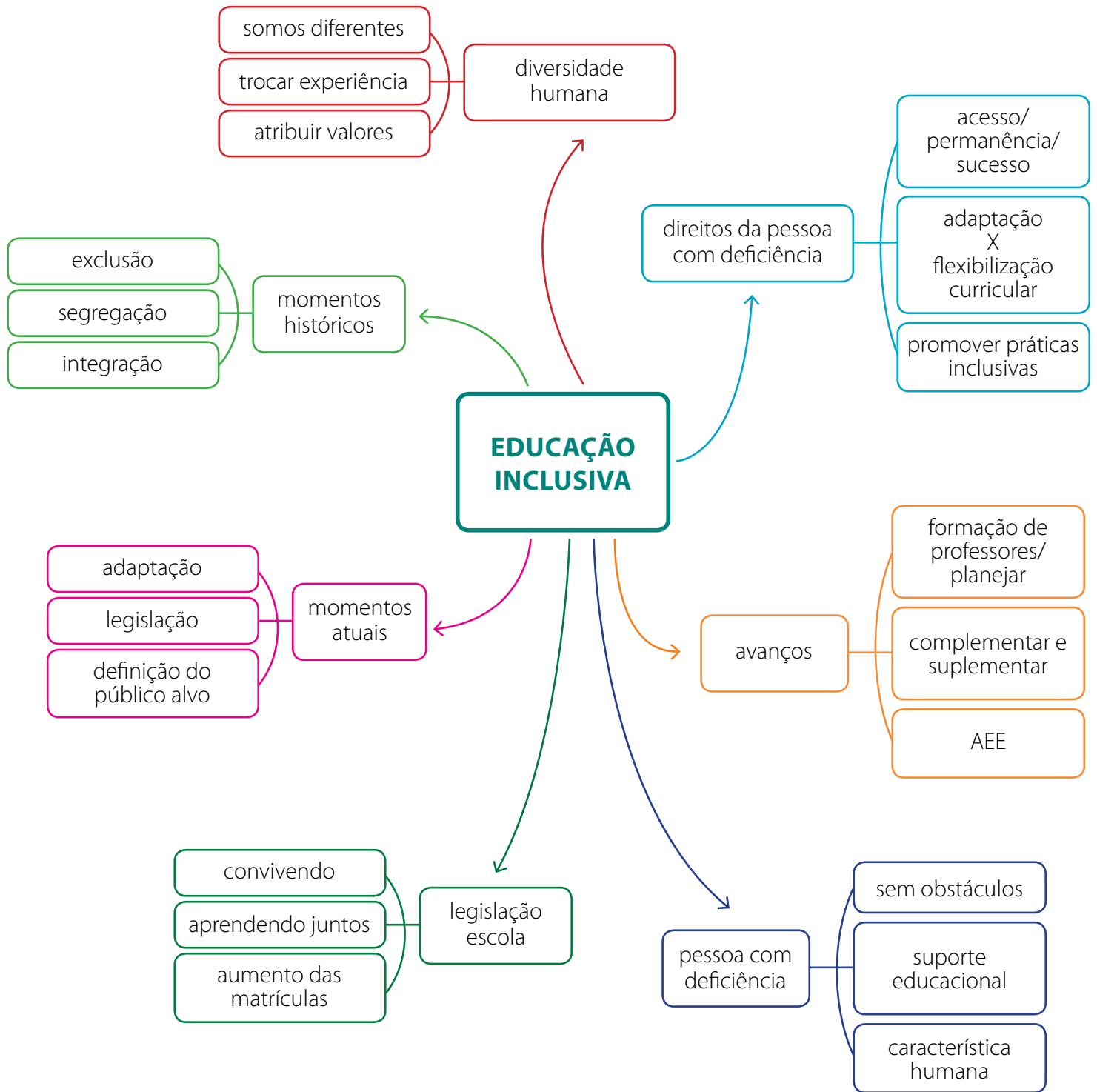


AD: Ao lado do Título mapas mentais há o desenho de três peças de brinquedos de montar.

Mapa mental é uma preciosa ferramenta de aprendizagem e de transmissão ordenada de dados, informações e conhecimentos, pois favorece a sistematização e a visualização das conexões e interrelações entre ideias e conceitos.

Educação Inclusiva

AD: A seguir mapa mental, destacando ao centro a expressão Educação Inclusiva, no entorno são destacadas diversas palavras relacionadas à diversidade humana, direitos da pessoa com deficiência, avanços, momentos históricos, momentos atuais, legislação escolar e pessoa com deficiência.



Cristiane Sant'Anna

1.2. Diário de bordo, narrativas e reflexões³

Revisitando o vivido, o diário de bordo é um espaço de expressão em que se distancia um pouco, temporal e espacialmente, da sua experiência e permite uma reaproximação do que foi vivido na sala de aula ou fora dela, uma releitura dos acontecimentos, intenções e ações desenvolvidas (Maria Alexandra Militão Rodrigues; 2018).



Minha mala

AD: Compondo o título “minha mala” há o desenho de um carretel de linha na cor rosa.

Quero deixar registrado neste espaço minhas impressões e vivências como professora, coordenadora e dirigente escolar. Como foi o processo evolutivo de entendimento do significado e o processo de resignificação das palavras que foram chaves durante o Módulo I: **Exclusão, Segregação, Integração** e, finalmente, **Inclusão**. Trago aqui, então, minha mala em que carrego minhas experiências educacionais com a educação inclusiva!!!

Enquanto lia o primeiro texto “Educação Inclusiva na Sociedade Contemporânea” (pág.8 do Caderno de Atividades), lembrei da primeira vez, como professora, que ouvi a palavra **Inclusão**. Na verdade, não entendia nada sobre o assunto e morria de medo de receber alunos com deficiências. Eu tinha muito receio de não saber lidar com criança com deficiência intelectual, reconhecida nesta época por “problemas mentais”. Além desse desconhecimento, outras deficiências - que para mim também eram desafiadoras porque eu não me sentia pronta para trabalhar a inclusão - eram a deficiência auditiva, a baixa visão e o autismo??? O que é isso gente?! Total ignorância sobre o assunto.

Passei três anos em sala de aula na classe de alfabetização e me sentia agradecida por não ter nenhum aluno especial. Entre a roda de professores/as, os/as que possuíam algum aluno com deficiências, eu somente ouvia reclamações sobre não se sentirem capacitados/as e preparados/as para lidar com esse público e que, por isso, entendiam que estes/as alunos/as não deveriam estudar na escola regular.

Após esse período, fui chamada para assumir a coordenação de uma escola de pequeno porte, e nessa escola tínhamos uma aluna com deficiência intelectual. Uns dos meus maiores medos na carreira docente, lembram? Logo em seguida, recebemos também a matrícula de um estudante cadeirante. “E agora? O que me resta nesse momento? Devo juntar-me ao perfil daqueles colegas que assim como eu, por não se sentirem prontos e seguros, lhe restavam apenas as reclamações? Ou, devo enfrentar o desafio de forma a lidar primeiramente

³ As imagens que ilustram as narrativas desta seção foram inseridas pelos participantes, a partir de buscas livres em bancos de imagem da internet. Também há algumas fotos fornecidas pelos/as educadores/as e gestores/as para ilustrar as experiências que estão narrando.

com meus medos e pré-conceitos, buscando alternativas para garantir a educação a esses estudantes? O que fazer?” Afinal, agora eu era a coordenadora.

E foi aí, diante do desafio, que meus olhos se abriram para esse universo... afinal eu tinha que dar conta e ter respostas. Foi quando percebi o quanto precisava estudar. Comecei a ver o mundo em volta de forma diferente. As placas para condições de acesso para as pessoas com deficiência, as leis, livros sobre o assunto e, sobretudo, a busca por iniciar uma PRÁTICA INCLUSIVA!!! Estamos falando de 2005, e mesmo descobrindo que já se havia avançado muito sobre o termo e estudos sobre INCLUSÃO, eu ainda não havia me apropriado. Somente desafiada, resolvi não fugir mais e enfrentar, estudar e me preparar, me tornando mais uma na luta do direito da pessoa com deficiência.

Um avanço que conseguimos nessa escola foi uma Sala de Recursos Polo acompanhada e montada pelo MEC. Aí sim!!! Em seguida, tivemos as formações para coordenação sobre o tema, visitas da equipe de coordenação da SMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura) à escola... E, em cada visita, tentava sugar tudo que podia, afinal, essa era a oportunidade! Na época em que o aluno cadeirante estava na escola, pude observar sua relação com os demais colegas e como lidavam entre si. Foi ali onde extraí meus maiores ensinamentos. Eu aprendia mais do que ensinava. Eles tinham respeito e muito carinho, eram disponíveis e prestativos em apoiar o amigo para que fizesse as atividades sugeridas pela professora. Era uma disputa para ver quem iria ajudar a ensiná-lo.

Hoje, não me envergonho do que disse - enquanto professora - sobre não querer ter um aluno especial na sala de aula e de assumir que não me sentia pronta e capaz de lidar com o público da educação inclusiva. Diferente disso, quero aqui, com esse diário, assumir minhas falhas e medos enquanto ser humana, mas também reafirmar que tais experiências – enquanto professora, coordenadora pedagógica e hoje como dirigente escolar - cada palavra de ignorância que por um tempo me paralisavam se desdobrou em dezenas de oportunidade de aprendizagem. Com isso, pude perceber que todos precisamos de um tempo para nos percebermos enquanto profissionais da educação e, sobretudo, para entender essa maravilhosa **Educação Inclusiva**. Assim, fico pensando o quanto ainda precisamos estudar e praticar o que estamos aprendendo, compartilhar, pesquisar, para que a evolução e as conquistas sejam maiores, mas evidentes e fortalecidas. E para que realmente possamos fazer valer o **Direito à Educação** dos/as alunos/as com deficiência, buscando garantir os espaços, estratégias e debates.

Ouso afirmar que não é fácil ensinar pensando nas tantas diferenças da sala de aula, mas... quem disse que seria fácil?! Pode não ser fácil, mas é possível. Basta ter um coração aberto, disposto a aprender e a quebrar paradigmas. Minhas palavras finais são:

GRATIDÃO!

PARCERIA!

APRENDIZAGEM!

Carmem Beatriz Silva



A Educação Especial Inclusiva na minha história

AD: Compondo o título “a educação especial inclusiva na minha história” há o desenho de dois cubos com as vogais A e E inscritas em cada um, na cor rosa.

O caminhar da Inclusão Educacional na percepção das minhas experiências até aqui

Início este relatório trazendo a oportunidade que tive de conviver com as deficiências múltiplas, diversas, muitas que eu nunca tinha visto e nem ouvido falar.

Em princípio, não entendi muito bem, pois nada sabia sobre deficiências e nunca havia convivido com pessoas com deficiências. Passei por um processo de aprendizado incrível e transformador.

Primeiro aprendi que as pessoas com deficiência não são “coitadas”, aprendi a segurar o choro, a mudar o olhar ao ver uma mãe alimentar um filho de 40 anos...

Depois, aprendi que a exclusão acontece de acordo com a deficiência do indivíduo. E que esta pessoa pode ser excluída em um ambiente escolar de Educação Especial também, e até pela própria família. Aprendi a enxergar o ganho, a evolução, e não a perda.

Aprendi que a pessoa com deficiência tem muito a ensinar de superação, vontade, convivência, esperança, respeito e amor. E, por fim, aprendi que para as pessoas com deficiência, era de suma importância serem verdadeiramente “aceitas”. E que era ainda mais enriquecedor para os que poderiam conviver com elas.



AD: à esquerda, ilustração com várias mãos coloridas carimbadas, sobrepostas pela frase “Todos juntos por uma educação inclusiva”, escrito na cor preta.

Thaís Silva de Souza



Ana e a conscientização sobre o autismo

AD: Compondo o título “Ana e a conscientização sobre o autismo” há o desenho de três bolas na cor rosa.

Acolher e preparar alunos com deficiência para que tenham condições de desenvolver-se com autonomia é um dos principais objetivos da Inclusão. Nesse contexto, início um relato de experiência que vivenciei em 2019 com uma aluna autista.

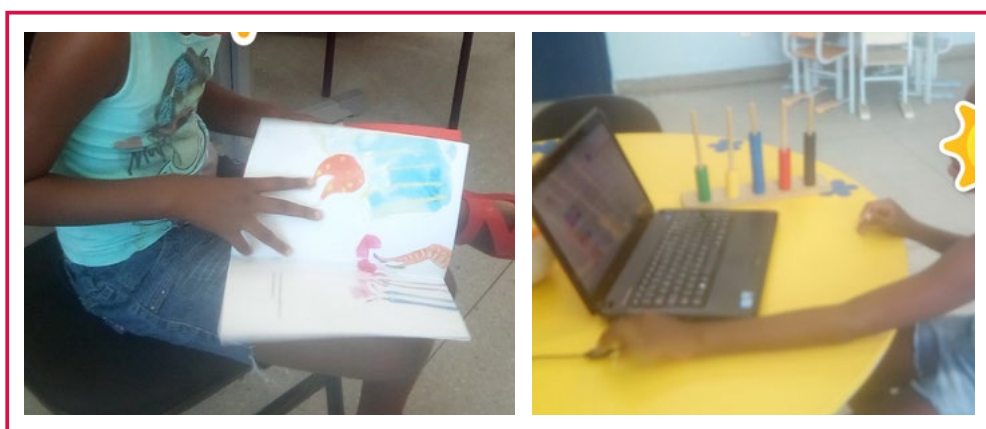
Ana (nome fictício)⁴, 9 anos, aluna matriculada no 3º ano do Ensino Fundamental, apresentava comportamento agitado, intolerância a qualquer tipo de ruído, movimentos

⁴ Optamos por utilizar nomes fictícios para os/as estudantes mencionados/as pelos/as participantes da formação, para preservar a identidade deles/as.

estereotipados e ausência de comunicação verbal. Suas características “diferentes” logo chamaram a atenção dos colegas de turma, e certa preocupação foi notada por parte da professora regente. Como a aluna não conseguia permanecer em sala de aula, muitas vezes fui solicitada a acompanhá-la. Em um desses momentos, um colega de turma me perguntou: - Tia, o que a Ana tem? A partir desse momento, observei que, além de trabalhar com a aluna para tentar inseri-la em sala de aula, de buscar desenvolver as habilidades necessárias para seu desenvolvimento, era necessário fazer um trabalho também com a turma.

Inicialmente, busquei contato com a mãe, que, sempre solícita, fornecia informações importantes para desenvolver meu trabalho da melhor forma possível. As dificuldades eram grandes. Às vezes, mal conseguia levá-la até a sala devido à sua inquietação. Aos poucos, fui ganhando sua confiança e conseguia respostas positivas, como melhora na concentração e aquisição de habilidades da vida diária que, até então, eram pouco desenvolvidas.

Como percebi que os colegas de turma e demais alunos da escola não entendiam muito bem o jeito de Ana, resolvi mobilizar a unidade com o “Dia de Conscientização sobre o Autismo”. Foram realizadas atividades variadas como palestras, filmes, elaboração de cartazes, etc. O resultado foi bastante satisfatório, pois os alunos aprenderam um pouquinho sobre o que é o autismo, e que ser diferente é normal!



AD: à esquerda há duas fotos uma ao lado da outra. A foto à esquerda é de uma criança com um caderno de atividades nas mãos. A foto à direita é de uma criança sentada à frente de uma mesa amarela com jogos pedagógicos manuseando um notebook.



Síndrome rara e cuidados que fazem toda a diferença

AD: Compondo o título “síndrome rara e cuidados que fazem toda a diferença” há o desenho de um compasso na cor rosa.

José (nome fictício) é um aluno diagnosticado com síndrome rara e foi devidamente matriculado em uma turma regular do sétimo ano do Ensino Fundamental. Ao receber o jovem, a escola buscou meios de conhecer e promover ações que pudessem oferecer a esse aluno atendimento ao qual ele tem direito.

A mãe do José, Sra. Maria (nome fictício), relata que sabe que o filho não aprenderá e acompanhará o currículo escolar, desenvolvendo-se nos conhecimentos de Português, Matemática, Geografia, ou outra disciplina qualquer... Mas defende que a escola é importante para ele socializar-se, uma vez que fica em casa com ela o tempo todo. Ela afirma que percebe que José fica feliz na escola.

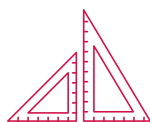
Cláudia dos Santos Moreira

Talvez, por insegurança, medo ou incertezas em lidar com desafios, encontramos nos espaços escolares a resistência de alguns profissionais em atender alunos como José. Porém, visando apoiar esses docentes em nossa escola e apoiar em suas angústias quanto a não saber lidar com um estudante com especificidades como o caso do José, a coordenadora do segundo segmento, professoras da sala de recursos e mediadoras, com o apoio da gestão da unidade escolar, buscaram conhecer mais detalhes sobre o diagnóstico do José e como poderiam trabalhar junto a ele.

Assim, compareceram à Rede SARAH de Hospitais de Reabilitação, onde o estudante faz tratamento, e lá aprenderam mais sobre a Síndrome Pelizaeus Merzbacher (PMD) com a qual o aluno foi diagnosticado. Segundo a publicação disponível no site www.brazilianjournals.com, a Síndrome Pelizaeus Merzbacher (PMD) é uma doença rara, com predominância no sexo masculino, que apresenta manifestações comprometedoras da funcionalidade e desenvolvimento neuropsicomotor normal da criança diagnosticada, características que interferem na sua participação social e realização de atividades.

Em outros períodos históricos, José ficaria preso a um leito e sem oportunidades de interagir, interação essa que, segundo sua mãe e a neuropsicopedagoga da Rede SARAH, causa bem-estar a ele e, conseqüentemente, interfere em sua saúde contribuindo para sua longevidade. Esta experiência nos ensina que a pessoa com deficiência pode ir além. Mas, para que isso ocorra, é preciso buscar ações como estímulo, empatia, amor e os devidos cuidados que de fato fazem toda a diferença.

Aldenira Nascimento da Cunha



Desafio e exemplo de força contagiante

AD: Composto o título “Desafio e exemplo de força contagiante” há o desenho de dois esquadros na cor rosa.

Tenho 15 anos trabalhados como docente na Educação Infantil. Nesta caminhada tive oportunidade de atender alunos com deficiências em quase todos os anos trabalhados.

Em 2010, dois meses depois do início do ano letivo, recebemos um “desafio”. Recebemos uma criança que, segundo relato da família, nasceu “normal”, sem nenhum diagnóstico, mas aos dois anos de idade perceberam que ela apresentava dificuldades relacionadas ao equilíbrio corporal. Além do desequilíbrio corporal, a criança apresentou também quadro de convulsões que fez com que os responsáveis procurassem avaliação médica.

Após a criança passar por vários especialistas, um neurologista através de exames descobriu que a criança apresentava um tumor no cérebro e que precisava ser retirado com urgência, pois estava causando todos os sintomas apresentados pela criança. Mas, apesar da necessidade da retirada do tumor, os médicos avisaram aos responsáveis sobre o risco eminente de morte e que a possibilidade de sobrevivência era somente de 10%. Além disso, caso a criança sobrevivesse, poderia apresentar sequelas.

A mãe optou por fazer a cirurgia e, felizmente, a criança sobreviveu. Porém, após a recuperação cirúrgica, a criança apresentou paraplegia, dificuldades na coordenação motora dos membros superiores e paralisia cerebral.

O desafio foi grande, pois era um aluno que precisa de muitos cuidados, desde o apoio para ingestão de água e alimentos e para fazer as atividades até para a interação com os outros. Entretanto, posso dizer que tudo deu certo! Mesmo sem ter orientações necessárias, a diretora me propôs o desafio e eu aceitei, ainda que com medo de fazer algo errado que trouxesse prejuízo à criança. Segui em frente com vontade de ajudá-la e pude contemplar evolução no desenvolvimento cognitivo e também nos movimentos. Percebi uma melhora em sua coordenação motora, pois quando chegou à escola era uma criança que não conseguia se alimentar sozinha e nem ingerir líquidos e, com alguns meses de incentivos e cuidados, já conseguia levar a colher com o alimento à boca e tomar os líquidos desejados.

A sua alegria ao realizar essas ações era contagiante e me apaixonei por este estudante. Era impressionante a sua alegria e vontade de vencer. Hoje, ele já está com 14 anos. Às vezes, no caminho que percorro para unidade escolar, encontro-me com ele e sua avó. Então, ela faz os comentários de evolução dele, como já está aprendendo inglês, sabe ler... Isso tudo é muito gratificante. Ele é um exemplo de força, alegria e perseverança!

Luciene Xavier Cordeiro



Relato de uma Mãe-professora

AD: Compondo o título "relato de uma mãe-professora" há o desenho do instrumento musical triângulo na cor rosa.

Devido ao momento de pandemia que estamos passando, infelizmente não tenho retorno da família do aluno com necessidades especiais. Diariamente, procuro enviar atividades. Mas a família não demanda nenhum retorno.

Porém, com autorização dos responsáveis pela formação, e como tenho feito as atividades escolares com meu filho, estou fazendo este diário compartilhando as experiências de aprendizagem com ele. Tenho posto em prática os conhecimentos adquiridos ao longo desta formação e de outras fontes que procuro pesquisar.

Ao iniciar este curso, senti uma vontade, um desejo, um anseio por mais conhecimento sobre os assuntos tratados. Tanto que dei início a uma pós-graduação em psicopedagogia que estava em meus planos para o futuro. Mas não consegui conter-me.

Bom, voltando ao diário, meu filho Rafael (nome fictício) encontra-se com 6 anos de idade. É acompanhado por neuropediatra e terapeutas, faz uso de medicação controlada. Está matriculado no 1º ano fundamental e é atendido em Sala de Recursos. Conforme os laudos, meu filho apresenta:

- Epilepsia e síndromes epiléticas (sendo que no caso são crises de ausência);
- Transtorno específico misto do desenvolvimento;
- Retardo mental leve (CID 10 – F70);
- Retardo no desenvolvimento fisiológico;
- Transtornos comportamentais;

- Entre outras suspeitas que estão em estudos, que possivelmente podem mudar ou confirmar estes citados.

Então, partindo da proposta de repensar e de estimular, busquei algo que fosse interessante para meu filho. E, como esta semana as atividades da escola estavam voltadas para datas comemorativas como dia da árvore e primavera, pesquisei vídeos que tratassem o assunto de forma lúdica e que chamassem a atenção dele, pois Rafael gosta de música e de dançar. Neste contexto, realizamos o primeiro momento da atividade. Assistimos ao vídeo “Mundo Bitá - A Flora ft. Larissa Lisboa”, que usei para chamar atenção ao tema a ser desenvolvido, estimulando sua concentração e percepção aos detalhes.

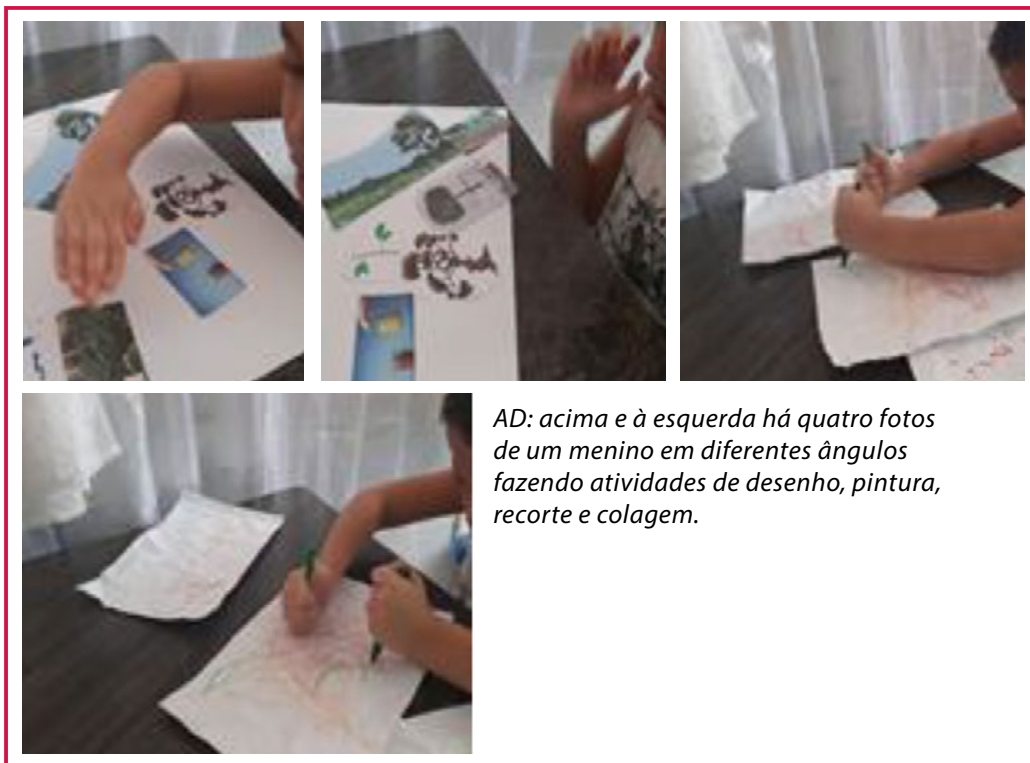
Após o vídeo, conversamos sobre as plantas. Perguntei se ele gosta de árvores, de cuidar das plantas. Falei que todas as árvores são importantes e que precisamos da ajuda delas para viver, respirar, comer, ter sombra entre outras coisas.

Seguimos e, como segundo momento da atividade, propus então usarmos massa de modelar e moldes para reproduzir o que assistimos no vídeo. Trabalhamos cores, formas, comparação, memória, criatividade e coordenação motora.



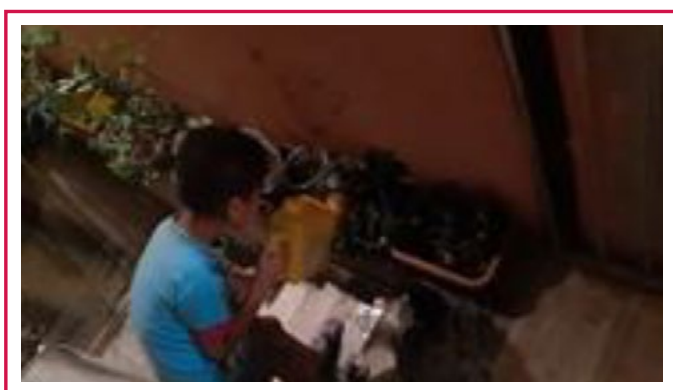
AD: acima e à esquerda há quatro fotos de um menino em diferentes ângulos brincando com massinhas de modelar.

Seguindo para o terceiro momento e finalização da atividade, mostrei figuras de árvores e paisagens. E, partindo da escolha das figuras, pedi que realizasse a colagem e fizesse desenhos para construção de um pequeno cartaz, finalizando a atividade.



AD: acima e à esquerda há quatro fotos de um menino em diferentes ângulos fazendo atividades de desenho, pintura, recorte e colagem.

Todas as atividades foram realizadas em etapas, com duração de mais ou menos 20 minutos. Afinal, o tempo de interesse e concentração é curto e, até mesmo o humor do Rafael muda rapidamente. Contudo, finalizamos a tarefa e ele quis assistir ao vídeo novamente.



AD: à esquerda há uma foto de uma criança regando plantinhas no jardim.

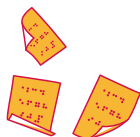
Percebi que, depois dessa atividade, ele guardou algumas informações. Tenho algumas plantas em casa e sempre molho no final do dia. Embora Rafael sempre tenha me ajudado nesta tarefa, após a atividade, enquanto molhávamos as plantas juntos, ele repetiu uma frase que eu disse a ele enquanto explicava: "Temos que cuidar das árvores e plantinhas!". Percebi que, mesmo com suas dificuldades, ele conseguiu guardar algo importante.

Vejo diariamente que seu aprendizado é um pouquinho mais devagar. E sei também que as crises de ansiedade do meu filho por vezes fazem com que ele tenha perdas em seu aprendizado. Entretanto, cada vez que vejo que conseguiu aprender algo, enxergo como uma grande vitória. Desta mesma forma, vejo meus alunos que, a cada conquista, alcançam mais uma grande vitória nas etapas da vida. E me sinto privilegiada em fazer parte e em contribuir para essas conquistas.

Hoje, posso dizer que ainda tenho muito o que aprender. Porém, posso dizer também que sinto uma felicidade enorme em ter sido contemplada em participar deste momento maravilhoso de aprendizagem, trocas e construção de conhecimentos. E, principalmente, quero agradecer a toda equipe maravilhosa por tudo que foi ofertado e aos colegas cursistas por dividirem suas experiências vividas. Muito, muito obrigada!

Tatiana Sena

1.3 Poesias

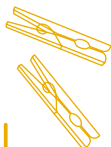


AD: Compondo o título poesias há o desenho de três folhas de papel na cor amarela com escritos em rosa.

Poesia é voz de poeta, é a voz de fazer nascimentos.

(Manoel de Barros)

AD: A seguir retângulos coloridos com desenho de dois prendedores de roupas na parte superior esquerda. Dentro de cada retângulo há uma poesia.



Inclusão, ato de amor.

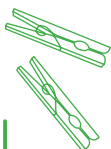
Muito se fala em inclusão.
Mas o que sabemos sobre ela?
Será que realmente incluímos ou apenas aceitamos o “diferente”?

Muito temos a aprender.
Com esses seres tão especiais.
Que Deus enviou para a terra para ensinar.

Ensinar que não devemos reclamar e sim amar.
Que somos abençoados.
E que devemos ser agradecidos como eles são.

Pessoas especiais com um amor puro, inocente e incondicional.
Um amor que não vê aparências, mas sim a alma.

Daniela de M. D. Landim



Sonhos

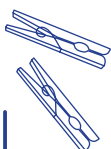
Educados somos para a igualdade
Igualdade do simples e normal
Dizem que o diferente é irmandade
Mas os tratam desigual

Não entendem a harmonia do diferente
Quão ignora o belo essa gente
Gente junta abre a mente
São e salvo benquerente

E na guerra do direito lhe dado
Laços se criam e é respeitado
Escolas abraçam a interação
E com autonomia lhe tiram a exclusão

Sonho alcançado? Ainda não
Mas sonhos por aqui não se perderão, irmão!

Carolina Guedes Braga Viggiano



Trajectoria

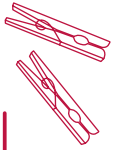
No início da carreira
Lá pelos anos 80
Carregava na bagagem, quase nada, além da alegria.
Logo de cara me deparei com o primeiro desafio
Qual seria? Um aluno com discalculia.
Abram o livro, na página 23.
Fui observando com muita atenção
Quase todos conseguiram,
só um aluno que não.

Com o passar dos dias comecei me preocupar.
Procurei a Direção para me orientar.

Aquele menino precisa de ajuda.
Mas não sei o que fazer.
Ora, Professora! Não conhece a Legislação?
A matrícula é obrigatória e eu não posso dizer não.
"Qualquer idiota percebe que o aluno é especial,
Agora, volte para a sala e faça o seu papel."
Fiquei estarelecida, comecei a pesquisar
Tenho que fazer alguma coisa para esse aluno ajudar.

Desde então me interessei
Pela Educação Especial
Tudo que li foi pouco
Mas agora é real
Professor Allan, obrigada
Por tudo que já revelou
Tenho muito que fazer
Educar é arte de amor!

Carolina Guedes Braga Viggiano



Inclusão

Após anos de exclusão, nasce a esperança
A chance de novos olhares, novas expectativas
Novos desafios na política de igualdade e de direitos
A garantia na eliminação de barreiras.
Onde possam ser asseguradas as condições de igualdades.

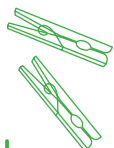
Novos paradigmas para as escolas, novas demandas:
Valorização das diferenças, enxergando suas potencialidades
E não sua deficiência.

Todos engajados na inclusão deste sujeito.
Reaprender novos conceitos, formações,
Adaptações, comportamentos.

Buscamos acessibilidade
Engatinhamos na grande caminhada
Do processo de inclusão.

Mas, a certeza de uma luz no final de túnel
Faz com que pulse meu coração
A certeza que dias melhores virão.

Sabrina Carvalho

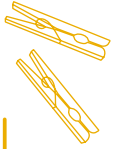


VIVÊNCIAS Inclusivas... Um novo olhar, além dos limites...

Saudades... de tantos **EMANUEL**,
perdido em seu olhar, despido dentro de um sorriso;
Saudades... de tantos **LUÍS FERNANDO**,
bailando sensual em sua cadeira pelas rampas;
Saudades... de tantos **JOÃO FILIPE**,
imaginando o seu mundo na fazenda dos dinossauros;
Saudades ... de tantas **LARISSA**,
dinamizando só um “pouquinho”;
Saudades... de tantos **PEDRO THAYLOR**,
conquistando abraços, envolvidos de carinho;
Saudades... de tantos **ARTHUR RONALDO**,
estimulando seu próprio desenvolvimento;
Saudades... de tantas **MARIA CLARA**,
aplaudindo, mas sensível aos seus movimentos;
Saudades... de tantos **GUILHERME**,
chorando com o barulho da “Gente”;
Saudades... de tantas **RAPHAELLA**,
deliciando as frutas preferidas;
Saudades... de tantos **ENZO PIETRO**,
conflitando suas emoções;
Saudades... de tantas **ANDRÉA**,
lapidando a vontade de ir além.

Um grande abraço,

Andréa Fajardo



Caminho a trilhar

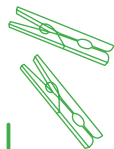
Formação sobre Educação Inclusiva em tempos de pandemia,
com a VALE, AIC e a Secretaria
Municipal de Educação de Itaguaí
juntos em prol da Inclusão,
tendo o apoio da Tecnologia em nossas mãos.
Cada um na sua casa saciando-se de informação.

Exclusão, segregação e integração,
caminhos percorridos até chegar à inclusão.
Leis, diretrizes e resoluções
asseguram direitos,
para quem ao longo da história julgaram incapaz,
deixando-o sem ter acesso à Educação.

Hoje a pessoa com deficiência é uma pessoa em evolução,
e quando se dá oportunidade, não há limitação.
Desenvolver suas habilidades e potencialidades,
sem esquecer da acessibilidade e eliminando as formas de discriminação,
desde que desfrute do seu direito à obrigatoriedade ao acesso à Educação.

A inclusão não é só uma política, mas um caminho que, ao trilhar,
podemos construir juntos uma convivência coletiva,
respeitando às diferenças e compreendendo que a pessoa com deficiência,
faz a sua história de vida brilhar,
sendo um exemplo de superação, para quem só da vida, a faz reclamar.

Flávia Farias de Oliveira de Rezende



A inclusão começa dentro do coração

Às vezes me pego pensando
O motivo de tanta discriminação
Se todos nós herdamos o pecado
E não existe perfeição...

Defeito
É o que alguns dizem ou chamam
Mas a única verdade é que o “defeito”
Caminha lado a lado com o preconceito

Não existe defeito quando falamos do ser humano
O que existe é PRECONCEITO!
Numa sociedade que se nega a enxergar a diversidade humana
E insiste num modelo

O ser humano insiste em difamar, ridicularizar,
Apontar e diferenciar para se enaltecer
E tudo isso por quê?
Apenas para seu ego engrandecer

Dessa vida não levamos nada.
Da mesma forma que fomos feitos do pó
E se para lá voltaremos,
A única certeza que temos
É semear e colher
A quantidade de amor que plantamos.

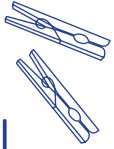
Já dizia o autor:
Ninguém é igual a ninguém,
Pois somos todos diferentes...
Logo ser solidário e mais humano
Não é mais que uma obrigação
É uma virtude
Que já deve começar a ser incutido
Desde pequeno no coração

Eu sou adepta
A Pedagogia do Amor
Pois acredito que todo ser humano
Deve ser tratado com imenso valor.

Valor,
Que deve ser refletido e valorizado em sala de aula.
Lugar onde não há espaços para preconceitos
E sim todos devem ser aceitos

Sonho
É uma escola mais rica de amor,
De empatia, de solidariedade humana...
Uma escola onde a inclusão
Comece dentro do coração.

Juliana de Menezes Ferreira



Poesia o caminho da inclusão

Estou aqui para falar
De um assunto importante
Educação Inclusiva ou Inclusão na Educação?
Vamos pensar, pois o tema é instigante.

Se a Educação é para todos
Então, todos já estão incluídos.
A inclusão na Educação
Esse é o princípio a ser cumprido.

A pessoa com deficiência
Deve ter seu direito respeitado
Seu convívio no ambiente escolar
Pela Lei está assegurado.

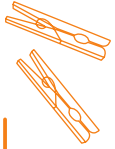
A escola é um espaço
Para a diversidade atender
Pois só a Educação é capaz
De oportunidades oferecer.

Vamos todos de mãos dadas
Esse caminho trilhar
Sabemos que é longo, árduo e difícil
Mas, com amor, chegaremos lá.

Lá...onde as leis são cumpridas
Lá...onde se busca igualdade
Lá...onde o preconceito não se manifesta
Lá...onde a inclusão é realidade.

A deficiência é uma característica do ser humano
E não é impedimento.
Para aprender, trabalhar, amar e ser feliz.

Marli dos Santos Fernandes



Nossa jornada da Inclusão

Iniciamos esse curso,
Na janelinha do PC
Ouvindo bem o Allan dizer:
Esse curso é pra você!

Na História nossa aqui na Terra
Vemos a humanidade excluir
Os diferentes que nós temos,
Matando ou escondendo
Segregar é o que fazemos.

Só depois de muito tempo
Nós começamos a olhar
Que pessoas com deficiência, são iguais
Integrar é o que devemos.

Mas mesmo vindo os direitos,
Tinha segregação de gênero.
Depois mais tarde saiu da caridade,
Pra ir pro âmbito do direito.
Mas em escolas diferentes
E ignorando as demandas existentes.

A Declaração de Salamanca
Começa a mudar o rumo das coisas
Iguala todos na inclusão,
E nos diz em prontidão
Que incluir é um dever
E a escola tem que aprender!

Mas demorou muito tempo
Só lá em 2008,
A política resolveu
Quem é o público prioritário da educação
especial
Pessoas com deficiência,
Transtorno Global de Desenvolvimento
E com Superdotação.

Devemos ter atendimento
Que tem que ser especial e especializado
Desde a Educação Infantil,
Ao Ensino Superior.
O ensino precisa atender
Todos e não somente alguns.
O desafio é entender
Que não aprendemos todos iguais,
Porque nós somos diferentes.

Criar culturas inclusivas,
Promovendo e desenvolvendo
Práticas inclusivas.
Pois recusar a matrícula do estudante é
crime.

Professores precisam ser qualificados,
Mas isso pouco acontece.
Ainda hoje no Brasil,
O PPP funciona pouco!
Inclusão é participação.
Por isso tem a flexibilização!

Métodos e técnicas!
São materializações concretas
Plano Especial Individualizado
É fruto da formação e do planejamento.
Precisa ter empatia.
E também muita noção,
Que é esforço nosso incluir, mas também
é obrigação!

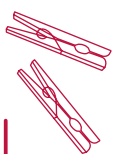
Os mediadores não podem substituir os
professores!
Apesar de ser isso que acontece.
Mas nós vamos superar,
Pensando juntos tudo que precisa pra
coisa caminhar!

Acessibilidade
Tem que estar em diálogo com a
articulação intersetorial
Não só por dizer a LBI
Pois precisa funcionar tudo por aqui.

Cultura e lazer,
Fazem seu papel social.
Saúde e assistência social,
Compõem nosso plantel.
Educação não tá sozinha,
Nessa luta incansável
Em algum tempo vamos superar,
Esse dia há de chegar!
E a aprendizagem se universalizará!

Assim fechamos esse diálogo
Entendendo que as deficiências são
barreiras!
Educação não muda o mundo,
Mas as pessoas que se educam.
Paulo Freire já nos disse,
Nele podemos acreditar.
Pela telinha do PC,
Ele também é uma boa pra gente
estudar!

Richard Clayton B. L. Reis



Acreditar

“ Numa folha qualquer eu desenho um Sol amarelo.

E com cinco ou seis retas

É fácil fazer um castelo...” (Aquarela, Toquinho)

Viajar no tempo e descobrir o quanto foi e ainda é difícil lidar com a inclusão na sociedade. Excluir, segregar, integrar, incluir...Muita Luta! Como é bom saber que estamos numa linha crescente e cada vez mais voltados para um mundo onde o olhar de um para o outro, seja um olhar de igualdade, de empatia e amor!

“ Eu fico com a pureza e a resposta da criança,

É a vida, é bonita e é bonita...” (O que é? O que é?, Gonzaguinha)

Sonhar com uma escola verdadeiramente voltada para a inclusão, onde as pessoas compreendam a importância de caminharmos juntos, por um bem comum, rompendo os paradigmas, mudando as práticas pedagógicas e garantindo ao aluno o direito à aprendizagem.

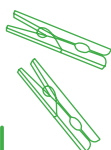
“ Era uma vez

O dia em que todo dia era bom

Delicioso gosto e o bom gosto das nuvens serem feitas de algodão...

**Pra não perder a magia de acreditar na felicidade real
E entender que ela mora no caminho e não no final...
É que a gente quer crescer,
E quando cresce quer voltar do início.
Porque um joelho ralado dói bem menos que um coração partido.”**
(Era uma vez, Kel Smith)

Rogéria Tavares Moreira Impronta



Reinventar a inclusão

O ano letivo de 2020 transcorre diferente, surpreendidos com o inesperado, aulas presenciais interrompidas. Alunos e professores distantes, houve a necessidade de se reinventar.

A aprendizagem dos alunos com Deficiência, TEA e Altas Habilidades não pode parar, o desenvolvimento do saber precisa continuar, diante das demandas específicas educacionais, sempre respeitando o aluno no seu particular

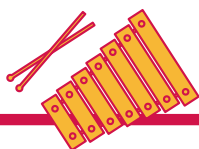
Passamos por alguns momentos temerosos, mas nunca desesperançosos. Seguimos em frente reaprendendo, inovando as práticas pedagógicas, diante das novas possibilidades, passando por alguns percalços, usando a tecnologia para fortalecer os laços promovendo a igualdade do aprender em diferentes espaços.

Professor mesmo na quarentena não desiste da inclusão mesmo que alguns ainda acham que é uma ilusão. Atualiza seus conhecimentos na Formação, ensina a transformar sucata em recurso pedagógico, com criatividade e imaginação,

No grupo do WhatsApp compartilha com emoção, seu aluno realizando as atividades, mostrando que houve superação, a equipe pedagógica vê que o seu trabalho tem capricho quando se faz com carinho e dedicação.

Flávia Farias de Oliveira de Rezende

1.4 Paródias



AD: Composto o título paródias há o desenho do instrumento musical Lira nas cores amarela e rosa.

A paródia é um tipo possível de intertextualidade que ocorre quando um autor “reconstrói” uma obra e dá a ela um outro significado. Baseada em alguma outra obra que já exista, geralmente tem um tom humorístico e trata de temas diversos (Eduardo P. Lopes; 2016).

Paródia da música “Baião” (Luiz Gonzaga)

Inclusão

Eu vou contar pra você
Como funciona a Educação
É tudo muito importante
Mas vou me ater na Inclusão.

Os desafios são grandes
Tem que possibilidades criar
Permitir a participação
Com a realidade se conectar.

Inclusão, inclusão/ Inclusão, inclusão

Para atender esses alunos
Precisa de colaboração,
Equipe Pedagógica e professores
Todos juntos em união.

Vamos todos lutar
Tomando uma posição
Com muita persistência pela inclusão.

Inclusão, inclusão/ Inclusão, inclusão

No Projeto Pedagógico
A Inclusão priorizar
As singularidades
Do aluno com deficiência respeitar.

Por isso eu quero afirmar
Como professor de AEE
Vou lutar pela Inclusão.

Inclusão, inclusão/ Inclusão, inclusão

Graziele Lima Faustino

Paródia da música “A Paz” (Roupa Nova) Versão Heal the World (Michael Jackson)

Canção da Inclusão

É importante você saber
Que a Educação Inclusiva e a forma
De tornar a diversidade respeitada
É um caminho, uma busca, um lugar a conquistar.
A educação é a porta de entrada.

Veja
A pessoa é capaz
De contribuir
De aprender bem mais.

(REFRÃO)

**Só a luz da inclusão
Ilumina e transforma o preconceito em respeito
E ela não precisa de compaixão para existir
E fazer as suas leis cumprir.**

Para que a inclusão
Seja uma realidade
É preciso sensibilizar a sociedade
Ensinando que toda vida tem valor e sentimento
Levantando a bandeira da igualdade.

Pense
Que já é tempo
de novas ideias e conceitos
para construir
um mundo melhor

“Nada sobre nós sem nós”
É o lema da inclusão
Para alcançar esse objetivo
Temos que lutar
Não, não é sonho
A legislação está aí
Para garantir os direitos
com amor.

Letra: Marli Fernandes

Dica da Luísa Camargos:

AD: Conteúdo a seguir em box, com cantos arredondados, contendo texto explicativo, utilizado para todos os títulos “Você sabia”.

Você sabia...

Que o diário de bordo é muito usado entre os professores para fazer relatos sobre suas práticas? Sim, lá escrevem parte do seu cotidiano ou sua rotina como, por exemplo: sobre sua aula, como os alunos estão interagindo com as atividades e com os colegas de turma, os acontecimentos que surgem e provocam pensar suas práticas, como os conteúdos estão sendo trabalhados e os interesses dos estudantes no processo de aprendizagem entre outras coisas. Além disso, escrever nos diários e compartilhar esses escritos é também uma forma de trocar saberes e proporcionar que outros aprendam a partir da sua experiência.

Anotar as experiências vividas na prática cotidiana da sala de aula é tão importante quanto planejar as aulas e os conteúdos para o semestre ou para o ano. É um dos principais instrumentos para refletir sobre o trabalho desenvolvido. O registro de impressões, as descobertas, os aspectos que funcionaram ou que não funcionaram durante as atividades permitem pensar sobre o que se fez e sobre o que se pode melhorar (Luiz Henrique Gurgel; 2016).



AD: À esquerda tem um círculo amarelo com a imagem de um avatar representando a Luísa Camargos, uma jovem com síndrome de Down de pele clara, cabelos castanhos claros, com vestido rosa e detalhes em branco e com pose de braços cruzados. O ícone aparece desta forma toda vez que o box “Você Sabia” é aplicado.

A seguir, os materiais selecionados estão agrupados de acordo com o tipo de deficiência, transtornos globais do desenvolvimento/transtornos do espectro autista ou altas habilidades/superdotação da experiência narrada. Além disso, também foram separadas dicas de atividades e relatos específicos ao contexto da pandemia.

⁵ As fotos e imagens apresentadas foram fornecidas pelos/as participantes da formação, para ilustrar as práticas e experiências relatadas.

2.1 Deficiência Visual

“A deficiência visual é o comprometimento parcial ou total da visão, seja pela baixa visão – diminuição da acuidade do campo visual, seja pela cegueira – ausência da visão.” (Caderno de Atividades – Educação Inclusiva Itaguaí, 2020)

Atividade para desenvolver habilidades sensoriais e táteis

Um grande desafio que hoje compartilho está em lidar com um aluno com deficiência visual e intelectual e que também apresenta comprometimentos na fala. Uma das dificuldades que encontro é conseguir um apoio da família, que também encontra barreiras para realizar os atendimentos necessários. Só a escola não é suficiente para atender todas as demandas e especificidades deste aluno.

Buscar estratégias e materiais para ajudá-lo no seu desenvolvimento tem sido meu maior desafio, visto que o que temos de materiais e suporte para atendê-lo muitas vezes não é o suficiente.

O aluno ao qual me refiro é o João (nome fictício). Ele está no 7º ano do Ensino Fundamental, apresenta boa socialização e é muito conhecido e querido por toda a comunidade escolar.

Com os materiais produzidos por mim, conforme ilustrado nas fotos, conseguimos realizar diversas atividades para desenvolver habilidades sensoriais e táteis como: o abrir e o fechar de zíper, velcro e outros; distinguir diferentes texturas como o áspero e o liso; identificar distintas larguras como o grosso e o fino. Tudo isso tem contribuído para o processo de aprendizagem de João.



AD: À direita foto de João manuseando o material adaptado com desenho de um urso com zíper na barriga e velcros nos braços. Acima foto de João em frente a um caderno sensorial.

Fabiana Oliveira Neves

Atividade para trabalhar Modelo Atômico em Ciências

Como mediadora da aluna Lavínia (nome fictício), com deficiência visual congênita, matriculada no 9º ano, encontrei um desafio que foi muito gratificante. Através desta experiência, fui envolvida em todos aspectos da aprendizagem como: Braille, uso da reglete, mapa tátil, socialização. Além disso, também apoio na interação da aluna nas aulas práticas como: Educação Física, danças, participação em feiras culturais, maquetes, etc.

Após a professora de Ciências ter explicado a turma o que era um modelo atômico, os alunos tiveram que produzir uma maquete. Depois de prontas, a aluna Lavínia teve a oportunidade de contato de forma tátil com vários trabalhos. Dessa forma, ela compreendeu como era a estrutura de um átomo e sua composição.

O mais interessante foi que, mediante a experiência com o trabalho de seus colegas, a aluna se sentiu tão motivada que ela construiu seu próprio modelo atômico com o uso de uma tela de pintura e massinha colorida, conforme imagens a seguir:



AD: Acima fotos de uma criança construindo com massinhas de modelar coloridas um modelo atômico.

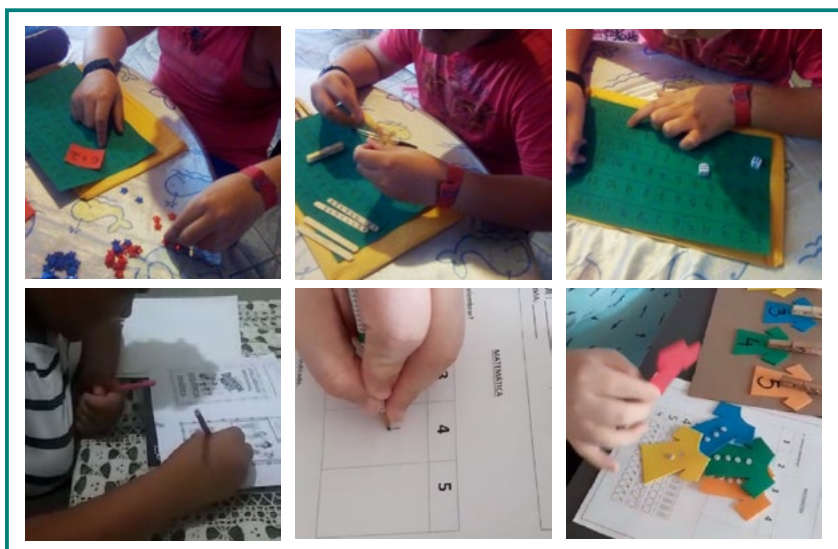
Para concluir, a atividade proposta à aluna permitiu que adquirisse conhecimento com muito entusiasmo.

Leila Marques Nonato

Adaptações para a inclusão de estudantes com deficiência visual ou baixa visão

No ano de 2019, tive a oportunidade de atuar como mediadora da aluna Beatriz (nome fictício) que possui deficiência visual congênita e intelectual. Embora a estudante estivesse incluída na turma do 2º ano, inúmeras adaptações foram necessárias para que pudéssemos atingir o objetivo pedagógico. As atividades eram pensadas e elaboradas pela Professora Regente com meu apoio, a fim de alcançarmos a todos os alunos, inclusive a nossa aluna da Educação Especial.

Diversos conteúdos e projetos revelaram ao corpo discente da nossa escola o despertar para atividades importantes para estudantes com deficiência visual. Cresceu o interesse e a curiosidade sobre o sistema de escrita universal em Braille. Percebi a exploração de atividades ressaltando os demais sentidos (tato, audição, olfato e paladar). E ainda notei nas aulas a utilização de materiais que propiciaram uma melhor percepção e discriminação dos objetos, bem como a identificação sonora e consciência corporal. Nas fotos a seguir, podemos ver alguns exemplos destas atividades.



AD: Acima um conjunto de fotos de crianças com deficiência visual participando de diversas atividades escolares adaptadas.

Como muito bem explanada na aula “Abordagem Inclusiva – Deficiência Visual”, o mais importante é ressaltar a potencialidade que está presente no universo da pessoa com deficiência visual. Existe uma diversidade muito grande na população de cegos e, em inúmeros casos de baixa visão, há apenas o prejuízo da visão e não necessariamente a total incapacidade de se ver.

Acredito que devemos atuar sempre de forma igualitária e principalmente com alteridade. Apenas desta forma seremos capazes de enxergar de olhos fechados.

Marcela de Alcântara de Carvalho

2.2 Deficiência Intelectual

Deficiência intelectual (desordem intelectual de desenvolvimento) é um distúrbio com início durante o período de desenvolvimento, que inclui déficits de funcionamento tanto intelectuais e adaptativos em domínios conceituais, sociais e práticos. (Caderno de Atividades – Educação Inclusiva Itaguaí, 2020)

Viagem

Olá, seja bem-vinda/o a essa viagem!

Uma viagem que está só começando. Uma viagem que, talvez, eu não saiba onde vai dar. Posso até me atrever e dizer que peguei o bonde andando, mas pode ter certeza que é no caminho do respeito, da igualdade, sem segregação e discriminação.

Então, apertem os cintos e entrem nessa comigo!

Tudo começou há uns anos quando aceitei trabalhar em uma sala de recursos. Era novo, assustador. Mas me envolvia de um jeito que não consigo explicar. Tinha tanto medo daquela experiência, de quantas crianças entrariam naquela sala... Será que eu seria capaz de assumir aquela responsabilidade?

Mas a minha vontade era tão grande! Assim como o meu afincado para que essas crianças tivessem a oportunidade de estar em uma escola, como todo e qualquer aluno, era imenso. Estudei, participei de formações. Montei a sala toda com recursos doados pela prefeitura e outros confeccionados por mim mesma, com sucata.

Estava pronta! Sala aberta. Horário criado. Contraturno. Tudo no esquema e nenhuma criança para atender. Passaram-se alguns meses... e nada! Ficava naquela sala vazia por horas imaginando quem chegaria.

Até que chegou Tiago (nome fictício).

Tiago era um menino, em seus 14 anos, conhecido por todos na unidade. Comunicativo e alegre, quase todos os dias ia à sala de recursos no contraturno. Sua mãe trabalhava na escola e isso facilitava bastante a sua frequência. Tiago tinha deficiência intelectual leve (assim eu imaginava, mas isso é papo mais para frente). Cursava o terceiro ano do Ensino Fundamental e apresentava mais dificuldades na área motora. Chegou à sala de recursos para reforço nas atividades. Assim, entraram com Tiago na sala de recursos e aconteceu nosso encontro.

Trabalhei com Tiago durante oito meses. Foram oito meses de muita luta e amor. No início, teve aquela fase de estudo. E a grande questão era: a que veio Tiago? Isso mesmo! Foi preciso adivinhar! Não tinha laudo (era isso que me diziam). Eu perguntava à mãe, à minha coordenadora, à supervisora, à diretora... E todos diziam que Tiago ainda não tinha laudo (ainda falavam num tom meio de ameaça, do tipo: se perguntar muito, Tiago sai da sala de recursos). Sim, porque criança sem laudo não tem o direito de ser assistido em salas de recursos.

Então, me calava, pois não podia e nem queria perder a oportunidade de trabalhar com o Tiago. E foi aí que minha luta por ele começou. Era óbvio que Tiago tinha algo. Nisso todo mundo concordava. A concordância acabava quando entrava a responsabilidade. A mãe estava em negação. É difícil mesmo para a família... E isso pode atrasar o atendimento e, logo, o desenvolvimento. Cada vez que eu a interpelava acerca do Tiago, sua primeira reação era tentar tirar Tiago da sala, das atividades, enfim, de qualquer atividade que o permitisse estar incluído. Um tanto difícil de entender, mas acontece! Enfim, ficamos ali oito meses trocando experiência, aprendizado e amor. E, quando saí dessa unidade, levei Tiago comigo.

Alguns anos se passaram e fiquei sem contato direto no atendimento ao público da inclusão. Até que, em um grupo de WhatsApp, chegou a oportunidade de estudar e saber mais sobre a Educação Inclusiva. Aceitei de pronto e fui cheia de vontade de aprender. Aqui estou, viajando nesse trem da inclusão com muito mais profundidade, maturidade, sensibilidade. Hoje, não sinto mais aquele medo inicial, me sinto forte e corajosa. Pronta, a espera de muitos outros Tiagos.

Carolina Guedes Braga Viggiano

Com a pandemia, as incertezas

Recebi em minha turma do 2º ano do fundamental I, uma aluna diagnosticada com paralisia cerebral parcial e autismo moderado. Porém, por ter o lado esquerdo comprometido, ela tem dificuldades no manuseio de livros e cadernos, além de muitas vezes fugir da sala de aula e se negar a fazer atividades diferenciadas. Quando lhe são oferecidas as atividades semelhantes às dos demais estudantes, a aluna rabisca, rasga e fica impaciente para fazê-las. É uma aluna que requer atenção constante, pois desafia o perigo, age com certa desobediência às ordens e regras, querendo a todo tempo correr, fugir... E até em direção à rua, se não ficarmos de olho!

Com esse cenário apresentado, eu – enquanto mediadora – além de ensinar, observar o que posso sugerir de atividade para que a aluna esteja em constante atenção e possa desenvolver-se, preciso estar atenta às reações comportamentais e desafiadoras da aluna. A seguir, compartilho fotos de atividades realizadas com esta aluna:



AD: Acima um conjunto de fotos de diversas atividades escolares produzidas pela estudante.

Com a pandemia, não consegui mais contato com essa aluna. E, infelizmente, não consigo saber como tem sido o desenvolvimento dela nesse período em que não estamos trabalhando e estimulando-a pedagogicamente. Deixei várias mensagens no contato da família. Porém, não recebi retorno, motivo pelo qual sinto muito. Afinal, tivemos pouco tempo juntas e gostaria, de alguma forma, ainda que com as restrições, de promover algumas ações que possam contribuir e garantir o direito à educação que, assim como todos/as, ela também tem.

Sônia Cristina Moreira Machado Vasconcelos

2.3 Deficiência Auditiva

“A surdez é a incapacidade de perceber o som em decorrência de alterações na estrutura do ouvido que acarretam em perda auditiva em grau bastante severo. As pessoas surdas em geral se comunicam pela Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Há variados graus de perda auditiva cuja classificação se baseia em parâmetros internacionais que definem as faixas de decibéis (dB), que medem a intensidade do som, que vão desde o nível considerado para uma audição normal (até 15dB) ao nível considerado como deficiência auditiva profunda (a partir de 91 dB).”
(Caderno de Atividades – Educação Inclusiva Itaguaí, 2020)

Provocações com a chegada de uma estudante surda

A Educação Inclusiva me foi apresentada há quatorze anos, quando eu, recém-chegada no exercício da docência, me deparei com uma turma na qual havia uma aluna surda. Ela não falava em LIBRAS, fazia apenas gestos de comunicação que desenvolveu com a família. Em um de nossos primeiros encontros, me deparei com uma criança indignada, aborrecida e chorando, porque queria contar que havia apanhado da mãe e que achava injusta tal situação. Eu me desesperei, pois não a compreendia e nem conseguia ajudá-la.

Essa aluna transformou meu olhar e fez com que eu mudasse a minha ação docente, mudando a turma a qual eu lecionava e fazendo com que isso expandisse para toda Unidade Escolar. Aprendi que, quando eu ensinava a turma usando LIBRAS, aprendiam todos, inclusive a minha aluna surda. Desse modo, toda a escola foi provocada a aprender LIBRAS e a aluna que só usava gestos, passou também a ensinar a Língua de Sinais aos seus colegas. A comunicação fluiu e a escola virou referência na Inclusão dentro do município.

Desejo, um dia, que o ser humano se sensibilize com outro, respeite os direitos, cumpra seus deveres. E entenda que a limitação é inerente aos ser humano e que ninguém é integralmente limitado que não possa ter habilidades. Acredito que tenho muito a apreender (e quero), mas também tenho que compartilhar do que já aprendi até aqui.

Verônica Brum

2.4 Transtornos do Espectro Autista (TEA) / Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD)

“O autismo é uma síndrome caracterizada por alterações na comunicação, na interação social e no comportamento. São crianças que não respondem aos estímulos externos e vivem “fora do mundo”. Surge em idade precoce, pode

ser detectado antes dos três anos de idade e, estatisticamente, acomete mais crianças do sexo masculino. O autismo associa-se com frequência à deficiência intelectual em graus variados, sobre o que as pesquisas (GAUDERER, 1997) estimam que essa associação represente 70% dos casos.” (Caderno de Atividades – Educação Inclusiva Itaguaí, 2020)

Batalha Naval

Em uma aula com o aluno Diego (nome fictício), do 8º ano, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista/ Transtorno Global de Desenvolvimento e inserido em classe regular com atendimento na sala de recursos, a professora propôs o jogo “Batalha Naval”.

O planejamento dessa atividade teve como objetivo trabalhar o raciocínio lógico, as percepções visual, espacial e o cumprimento de regras. O jogo Batalha Naval tem como regras colocar os seus navios nos quadros, alinhados horizontalmente ou verticalmente e registrar os tiros do oponente, além de tentar acertar os tiros no navio do adversário. Por isso, com essa brincadeira, o aluno poderá desenvolver noção de espaço entre as embarcações e tentará descobrir onde elas se encontram. Assim, a professora orienta para que Diego respeite as regras, saiba lidar com a perda e reflita sobre as jogadas.

A professora destaca que Diego demonstra no início da atividade um grande interesse. Contudo, no decorrer das jogadas, ele apresenta dificuldade na percepção visual do tabuleiro, não tendo noção de espaço e esquecendo-se da sua hora de jogar. Diante das dificuldades, o estudante comenta que o jogo é muito “chato”, pois não consegue lidar com a perda da jogada. Com ajuda da professora, Diego consegue perceber o tamanho das figuras e reconhecer seus lugares dentro do tabuleiro. Ao perceber que pode ganhar, verifica-se um aumento em sua autoestima e o desejo de jogar mais.

Com o advento do ensino remoto em março do presente ano, a mãe do Diego relata uma regressão no desenvolvimento do estudante. Ele se recusa a realizar as atividades propostas, pede para ir à escola e não aceita a explicação da mãe de que a escola está fechada.

Lembrando da experiência com o jogo Batalha Naval, a estratégia encontrada foi repetir as atividades lúdicas da sala de recursos em casa. Assim, a professora faz chamada de vídeo e propõe a atividade do jogo Batalha Naval, e a mãe do aluno joga com ele, o que deixa Diego muito feliz e, de alguma forma, um pouco mais perto da experiência vivida na escola.

Aldenira Nascimento da Cunha

Quem é o Lucas?

Lucas (nome fictício) é um aluno carinhoso, educado e muito esperto. Sua família é acolhedora, participativa e apoia todos os projetos da escola. Porém, ele ingressou na unidade escolar no ano de 2019 com muita dificuldade de comunicação verbal e não verbal, necessitando de ajuda para interagir e responder ao ambiente. Além disso, demonstrava frustração ao mudar de contextos e algumas estereotípias.

No final do ano de 2019 e início do ano de 2020, o aluno já demonstrava muitos avanços com relação à fala e a adaptação ao ambiente escolar.

Em sala de aula, já interagiu e participava das atividades com seus coleguinhas. O aluno começou a expressar seus desejos e interesses usando gestos e apontando em direção a algo que queria sinalizar. Logo depois, começou a falar pequenas palavrinhas. Sua família, em parceria com a escola, estimulava muito a autonomia, a fala e a participação do estudante em todas as atividades propostas.

Hoje, mesmo com a pandemia, Lucas continua progredindo. Já reconhece as letras e o próprio nome, tem prazer em realizar as atividades e está cada dia mais independente.

Daniele Silva Lima

Conquista para autonomia na vida diária

No início desse ano de 2020, na sala de recursos sob meus cuidados, recebo um aluno diagnosticado com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Então, pensei: "Vamos que vamos!"

Fui me informar com o pai, responsável que levava o aluno à escola, que tinha todas as informações que poderiam me ajudar com pistas de como trabalhar com o filho. (Claro que, no ato da matrícula, a direção já tinha se informado a respeito das necessidades do estudante, mas eu queria um contato a mais). Munida de algumas informações básicas, fui preparar a sala de aula para receber o meu já querido aluno.

Logo no primeiro dia, percebi que o pai ficou muito desconfortável ao informar que tinha fraldas suficientes, lencinhos, shorts e etc. em sua mochila. Passamos uma tarde agradável e tudo transcorreu bem, considerando as particularidades de se relacionar com uma criança com TEA. Fui para a casa pensando em como eu poderia ajudar esse estudante e, por consequência, essa família.

No dia seguinte, chamei o pai do estudante que, demonstrando preocupação e receio, veio até a mim. Mas, para espanto e satisfação do pai, minha conversa com ele era para propor um acordo entre a escola e a família. Assim, perguntei a ele se poderíamos iniciar o desfralde da criança e se ele estava disposto a entrar nessa comigo. Porque, uma vez acordado, não podíamos voltar atrás!

E claro, ansioso, o pai topou na hora. Falei com ele que, na próxima aula, trouxesse toalha, cuequinhas, sabonete, enfim, itens de higiene pessoal. Além disso, pedi ao pai que já trouxesse o filho sem as fraldas.

No primeiro dia, eu estava ansiosa para obter logo o resultado positivo. Levava o estudante ao banheiro a cada 30 minutos... E... nada de xixi! Mas não desisti.

Lá pelas 14h30, eu tive a ideia de levar o estudante ao banheiro dos professores. E, para minha surpresa e alegria, ele fez!!! Ele fez o tão sonhado xixi de pé. Minha alegria foi tamanha

que me senti a melhor professora da escola, toda boba... Afinal, ele conseguiu (considerando-se que se trata de uma criança com seus já 10 anos de idade e com seu organismo funcionando a todo vapor)!

Assim, eu o estimulava e dizia frases de incentivo como: "Vamos rapaz, você consegue!" Vale ressaltar que se trata de uma criança que não falava e, portanto, não havia nenhuma comunicação verbal comigo. E quando eu me dirigia a ele, parecia que também não me escutava. Então, o jeito que eu encontrei de iniciar essa comunicação foi utilizar umas plaquinhas, como a que demonstro a seguir, para mostrar o que íamos fazer, pois, para esta criança, é fundamental ter o concreto e saber o que nós íamos fazer fora da sala de aula.



AD: À esquerda há uma ilustração de um menino urinando no vaso sanitário.

Assim criamos uma rotina onde ele almoçava umas duas vezes, porque comia muito bem. Depois, bebia água e íamos ao banheiro. E, por fim, ficávamos no pátio com as demais crianças da escola.

Todos os dias, tínhamos essa rotina. Até que ele não usou mais fraldas! A família, por sua vez, também criou sua rotina e seguiu com o desfralde, de modo que a criança também não utilizava mais a fralda em casa, nem mesmo para dormir.

Larissa Rosa Racca (in memoriam)

Experiência contagiante

No decorrer desses meus 23 anos de magistério tive a oportunidade de conviver, trabalhar, ensinar e aprender muito com diversos tipos de alunos mais que especiais. No início, foi muito difícil! Mas, pelo caminho, com o apoio de profissionais de extrema excelência e amor pela causa que é a Educação Especial, fui profundamente contagiada. Como professora de Atendimento Educacional Especializado, faço atendimento a alunos com diferentes especificidades. Porém, as experiências que partilho neste diário, foram vivenciadas com o estudante Mário (nome fictício), com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Confesso que está sendo uma das melhores experiências que já vivi.

Mário é um menino muito alegre, que gosta de expressar seus sentimentos facilmente. Ele tem uma dificuldade motora. O dedão da mão não é tão firme como de qualquer outro estudante. Por essa razão, faz-se necessário um trabalho intensivo de coordenação motora.

Nessa imagem a seguir, ele está cortando papéis com a tesoura antes de fazer a estimulação. Além de rasgar e cortar papéis usamos muito a massinha de modelar.

Na próxima foto, compartilho uma experiência que tivemos com a turma do Pré-Escolar realizando a atividade: "Fazendo minha própria massinha". Nesta ocasião, cada aluno acrescentou um ingrediente, misturou, amassou e ainda levou sua parcela de massinha para casa.



AD: Foto de um menino recortando papel cor de rosa.



AD: Foto do educador manuseando ingredientes para preparação de massinha de modelar com as crianças assistindo a aula.

Além dessas atividades mencionadas, o Mário já consegue outras tantas. A escrita dele melhorou, mesmo que ainda somente em letra bastão, mas nada muito extenso. Percebo que, quanto mais concreto, quanto mais visual, mais ele se desenvolve.

Outra experiência que gostaria de compartilhar são os jogos de computador. Essa é outra atividade que Mário adora. São jogos educativos, que estimulam a coordenação visomotora, relação número/quantidade, jogos da memória, contos populares, etc. No início, ele precisava de orientação e queria somente utilizar o computador. Depois, fomos fazendo uma rotina de atividades. Quando chegasse a sala de recursos, precisaria definir três atividades, sendo que uma eu sugeriria. Implementar regras foi uma tarefa bem difícil, porque Mário fazia algumas birras. Depois de muito diálogo, persistência e sem imposição, deu tão certo que ele já sabe ligar e desligar o computador, fechar caixas de diálogo, entrar e sair do jogo sem a necessidade da minha orientação.



AD: Foto de um estudante sentado à frente de um computador.

Vale ressaltar que toda a comunidade escolar promove atividades que estimulam a socialização, a autoestima e, porque não, o amor, deste nosso aluno tão querido Mário.

Grazielle Lima Faustino

2.5 Dicas de Atividades

A rede comum de ensino a partir de propostas de adaptação e adequação curricular busca atividades que visam meios para desenvolvimento de habilidades relacionadas às aprendizagens escolares.

Mediante as situações oferecidas em sala de aula, para que o conteúdo se torne mais claro e acessível há a necessidade de alguns ajustes para favorecer a compreensão e apreensão do assunto trazido, favorecendo a formação tão necessária para alunos com deficiência (Fabiana Squarizzi Alves).

Baralho de letras

Público: estudantes com Deficiência Intelectual e Transtorno do Espectro Autista.

Objetivos:

- Auxiliar na familiarização da linguagem e comunicação, oportunizando e encorajando a leitura, a escrita e/ou fala através do lúdico;
- Incentivar o processo de leitura e escrita através da exploração, observação, percepção, concentração e apreciação do domínio das vogais e consoantes para formação de palavras;
- Identificar, formar e nomear a palavra por análise e síntese visual e auditiva, ou seja, a partir do som das vogais e consoantes com auxílio das formas bucais;
- Desenvolver a consciência fonológica e fonoarticulatória;
- Verificar a capacidade de memorização e organização do pensamento;
- Trabalhar série (ordem) alfabética e ortográfica;
- Ampliar o vocabulário e exercitar o uso das novas palavras;
- Aprender de forma prazerosa, sem exigir ainda da habilidade motora da escrita;
- Realizar o treino das habilidades acadêmica.

Materiais: papel cartão colorido, cola, tesoura, caixa pequena de papelão, papel contact (opcional) e folhas retangulares impressas com as formas bucais.

Preparação: confeccione baralhos de letras, contendo cinco séries com 130 cartas, medindo 100 mm x 40 mm feitas de papel cartão colorido. Em um dos lados, coloque a letra do alfabeto latino e sua respectiva forma bucal no centro da carta. Se quiser reforçar o material, forre as cartas com papel contact. Decore a caixa de papelão pequena de acordo com seu gosto e utilize para guardar as cartas. Neste baralho, as letras H, K, W, e Y só serão incluídas dependendo da evolução do aluno.



AD: Acima, duas fotos, uma ao lado da outra. Na foto da direita, cartas de baralho feito com papel branco contendo letras do alfabeto, na parte inferior e superior de cada carta, e fotos de bocas, centralizadas em cada carta, ilustrando o movimento da fala de cada letra. Na foto da esquerda, a professora América, mulher branca de cabelos curtos e negros, segurando as cartas do baralho das letras na mão esquerda em forma de leque.

Desenvolvimento da atividade: A estrutura de jogo é a de um baralho normal, jogado em duplas, mas com o objetivo de formar sílabas ou palavras. Distribua 11 cartas para cada jogador e deixe as cartas restantes no monte. O primeiro jogador pega uma carta do monte, optando por ficar com ela ou descartá-la sobre a mesa para o próximo jogador continuar o jogo. Neste momento, o jogador da vez também pode abaixar cartas que formam sílabas ou palavras com a carta retirada para que o companheiro de dupla contribua formando novas sílabas ou palavras. Por fim, a dupla que conseguir formar o maior número de palavras ganha o jogo.

Este jogo foi pensado para motivar os alunos com deficiência intelectual que tinham muita dificuldade na escrita, mas que adoravam jogar cartas. A partir do interesse dos jovens, adaptei para o baralho de letras para estimular o aprendizado da formação de palavras.

América Torres da Silva Cavalcante

Brincadeira com Dinossauros (ou outro brinquedo do interesse do estudante)

Público: estudante com Transtorno do Espectro Autista.

Objetivo: reconhecer a letra D (ou outras) nas palavras e promover a interação e abertura para o desenvolvimento de outras atividades para o aprendizado.

Material: dinossauro de brinquedo (ou outro objeto de interesse específico do estudante), papel, canetinha, lápis de cor.

Preparação: prepare com antecedência a atividade que deseja realizar com o aluno com TEA, incluindo o dinossauro de brinquedo (ou o outro objeto de interesse do estudante).

Desenvolvimento da atividade: vários tipos de atividades podem ser propostas utilizando-se o dinossauro ou outros brinquedos e objetos de fixação do estudante. No meu caso, o estudante com TEA atendido por mim possui um interesse restritivo por Dinossauros. Ele conhece todas as espécies por nome e o Tiranossauro Rex é o preferido do estudante. Por isso, busquei aquilo que é de extremo interesse do estudante e, logo, lhe detém a atenção.

Passé a utilizar o dinossauro nas aulas para prender a atenção do aluno, de modo que o dinossauro de brinquedo também estudava conosco. Com o objetivo de ensinar a letra D e sua família silábica, apresentei a letra D de Dinossauro ao aluno e ao dinossauro de brinquedo. Além disso, cantei a canção "Dinossauros" (Mundo de Bitá). Dessa maneira, percebi uma abertura maior do estudante para o desenvolvimento das tarefas, como pode ser percebido na foto a seguir.



AD: À esquerda fotos de uma criança manuseando um dinossauro de brinquedo.

Doris Reis

Contação de história com cantiga popular “Na loja do mestre André”

Público: estudantes com Transtorno do Espectro Autista.

Objetivo: conhecer os instrumentos de sopro, percussão e corda, para trabalhar a percepção auditiva, discriminação sensorial e o estímulo à musicalidade envolvendo o estudante com TEA e os colegas de turma.

Materiais: caixa musical (confeccionada com papelão, TNT, e EVA, cola e tesoura), microfone de brinquedo (que também pode ser confeccionado com isopor) e instrumentos musicais como flauta, teclado, corneta, violão, pandeiro.

Preparação: separe um livro infantil com a história que deseja trabalhar e os instrumentos musicais. Confeccione a caixa musical, o microfone e as figuras que estarão dentro da caixa.

Desenvolvimento da atividade:

Começamos contando a história do mestre André, mesclando a cantiga popular e logo depois, apresentamos cada um dos instrumentos musicais à turma.

Em seguida, toquei na flauta e no teclado outra cantiga popular, “Borboletinha”.

Dando continuidade à atividade, todos os alunos foram convidados, um por um, a segurar e tocar o instrumento que mais gostou. (Importante mencionar que os instrumentos iam sendo higienizados a cada troca de manuseio pelos alunos).



AD: Acima foto da caixa musical na cor azul com estrelas brancas e notas musicais na cor preta, sobre a caixa há um cone e diversas figuras feitas com EVA como sapo, lua, caranguejo pirulito, índio e flor.

E por último, cada um dos alunos cantou uma música no microfone, conforme a figura que era retirada da caixa musical, até mesmo o aluno com TEA. Foi uma experiência de interação muito gratificante.

Doris Reis

Torre Inteligente

Público: estudantes com Transtorno do Espectro Autista.

Objetivos:

- Reconhecer os numerais de 1 a 10;
- Trabalhar atenção, concentração, memória, percepção visual e coordenação motora;
- Manter cada número no seu respectivo lugar, na sequência lógica dos numerais.

Materiais: papelão, 10 rolos de papel higiênico, tinta guache, pincéis, papel com os números impressos (ou canetão para escrever), cola e tesoura.

Preparação: os alunos da turma auxiliaram na pintura dos rolos de papel higiênico, bem como na colagem dos numerais e para encapar os pedaços de papelão, que servirão de base de equilíbrio para a “Torre Inteligente”

Desenvolvimento de atividades: propor à turma o desafio de montar a “Torre Inteligente”, montando os rolos para equilibrar o próximo nível da torre utilizando a sequência numérica crescente marcada nos papelões de base, como pode ser observado na foto.

No dia que desenvolvi esta atividade, apenas dois alunos da turma conseguiram equilibrar a torre, sendo que o estudante com TEA foi um dos que conseguiu superar o desafio. Percebi que meu estudante com TEA se divertiu, falando os números e ao mesmo tempo em que tentava equilibrá-los, como pode ser percebido na foto a seguir.



AD: Foto da torre inteligente construída com materiais reciclados e de papelaria.



AD: Foto da torre inteligente sendo manuseada por uma criança.

Doris Reis

21 de setembro: Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência

Público: estudantes e toda a comunidade escolar.

Objetivo: estimular os estudantes e a comunidade escolar a promover o respeito a todas as pessoas, inclusive, as pessoas com deficiência.

Materiais: EVAs coloridos, cola e tesoura, moldes de papel para os bonecos.

Preparação: confeccione bonecos de crianças com deficiência, a partir de moldes encontrados na internet. Prepare com antecedência o tema a ser compartilhado e as dinâmicas a serem utilizadas nos encontros.

Desenvolvimento da atividade: a ideia é aproveitar esta data comemorativa para trabalhar o tema da luta das pessoas com deficiência com todas as turmas da unidade escolar. Para isso, utilize bonecos de EVA para representar os tipos de deficiência. Reforce a importância do respeito ao outro, independentemente de sua condição física ou qualquer outra condição específica.

No meu caso, escolhi dois tipos de deficiência "mais perceptíveis" - a deficiência visual e a física porque o contato visual e simbólico facilita o entendimento para as crianças, especialmente as mais novas. Na escola, tínhamos quatro estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e um com Síndrome de Down. A experiência que tive foi muito enriquecedora e os estudantes demonstraram interesse e empatia. Vale ressaltar que duas crianças do Pré II, durante a apresentação, mencionaram que tinham parentes com alguma deficiência (uma era surda e outra com deficiência física, cadeirante).



AD: À esquerda foto da professora Doris, mulher parda, de cabelos compridos e castanho-avermelhados, usando óculos, calça preta, blusa vinho e casaco preto. A professora está segurando em ambas as mãos figuras representando pessoas com deficiência, sendo a que está na mão direita um boneco em EVA com óculos escuros e bengala para deficiência visual e o da mão esquerda uma boneca feita em EVA sentada na cadeira de rodas para deficiência física.

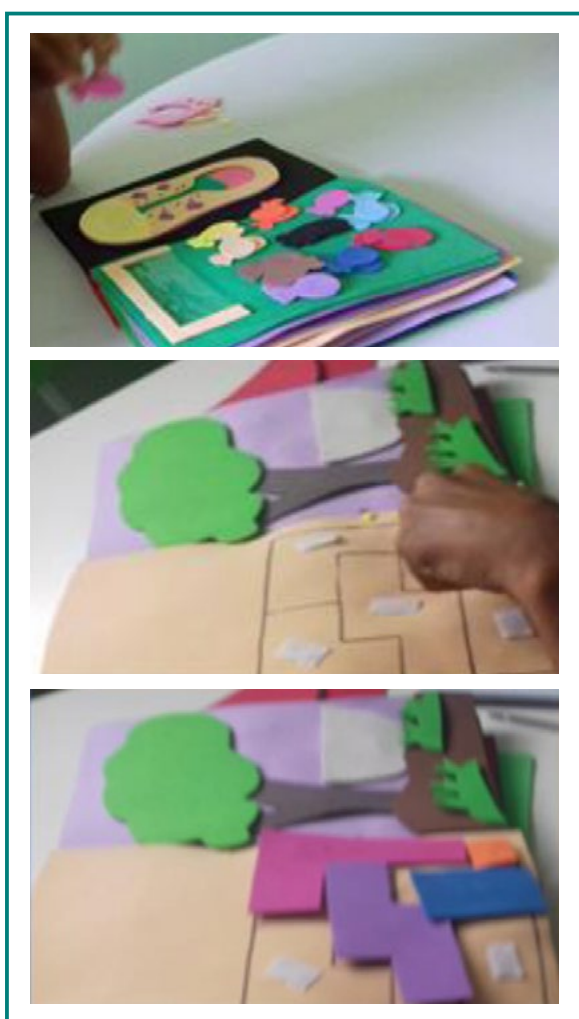
Doris Reis

Reinventar

Os aprendizados gerados ao longo do segundo módulo da formação serviram como norteadores para eu articular minha experiência como mediadora e professora de AEE. Esta pandemia do coronavírus forçou muitos de nós a se reinventar para dar aulas remotas, coisa que jamais me imaginei fazendo. Através deste curso, tive a ideia de fazer videoaulas. Tem sido uma experiência nova para mim e para os pais. Está sendo gratificante porque vejo o prazer no rostinho de cada aluno e dos responsáveis ao falarem comigo.

Para desenvolver as atividades, eu sempre peço para meus estudantes me ajudarem na elaboração. A seguir, compartilho algumas atividades criadas juntamente com meus alunos das salas de recursos.

1) Livro sensorial

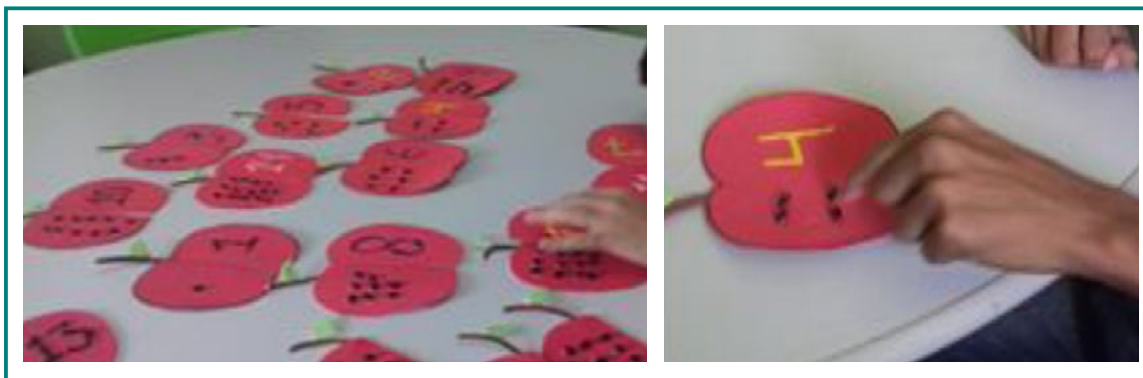


AD: À esquerda fotos de livro sensorial feito em EVA de várias cores, com figuras geométricas e figuras de árvores recortadas.

Materiais: EVAs coloridos, cola quente, tesoura, plástico transparente. Utilize também papeis coloridos, cadarços, fitas, miçangas, botões ou outros materiais conforme as atividades que for construir.

Usos: esta atividade é utilizada para auxiliar o estudante com autismo a aprender as cores, formatos, contagem, bem como atividades da vida diária, por exemplo, amarrar cadarços.

2) Maçãs AD: Abaixo fotos de maçãs feitas em EVA vermelho com numerais e em braille sendo manuseados por mãos de estudantes.



Materiais: EVA, cola quente, cola colorida, tesoura, feijão.

Usos: esta atividade é aplicada para estimular o aluno com Síndrome de Down a relacionar números e quantidades.

3) Pizza



AD: À esquerda fotos de uma pizza feita com EVA colorido sendo manuseados por mãos de um estudante.

Materiais: EVAs coloridos, cola quente, tesoura, régua, tampas de caixa de leite.

Usos: com esta atividade, trabalho com estudante com autismo o reconhecimento das cores, quantidades e a coordenação motora, ao fazer o encaixe das tampas com os números nos lugares corretos.

4) Corrida das cores AD: Abaixo fotos das mãos de um estudante construindo com tintas coloridas, pincel e caixa de ovos o material "corrida das cores".



Materiais: caixa de ovo, tintas guache, pincel, caixa de leite, EVA e tampas de caixa de leite.

Usos: com esta atividade, é possível aperfeiçoar a coordenação motora, oferecer condições de reconhecimentos das cores e apoiar o reconhecimento das quantidades para estudantes com Síndrome de Down e autismo.

5) Relógio



AD: À esquerda foto de um relógio feito com numerais impressos em papel branco e ponteiros com dois gizes de cera em tamanhos diferentes, nas cores rosa e branca. O rosa de menor tamanho apontado para o número dois e o branco de tamanho maior apontado para o número sete, sinalizando o horário de 2h35min.

Materiais: folha de papel para impressão dos numerais de 1 a 12 e giz de cera ou lápis de tamanhos variados.

Usos: para estudantes com Síndrome de Down, esta atividade favorece o reconhecimento dos números. Para estudantes com TEA, auxilia a formar a noção de tempo.

Observação: apesar de eu ter construído o relógio com material reciclado à princípio, um dos meus alunos com autismo preferia montar o seu próprio relógio na mesa, como na foto anterior.

Maria Cláudia Freitas de Souza

2.6 Experiências na Pandemia

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou em março de 2020 uma pandemia mundial causada pelo novo coronavírus. Essa pandemia provocou a necessidade de isolamento social como uma ferramenta de enfrentamento

ao Sars-2 Covid-19 evitando colapsar os sistemas de saúde e a propagação em larga escala do vírus. Nesse sentido, as atividades escolares também vêm sendo ressignificadas em sua forma de assistir aos estudantes e a modalidade remota tem sido um dos caminhos encontrados para minimizar os reflexos na formação dos estudantes.

Tentativas, erros e acertos

No meu diário de bordo, irei traçar dois momentos na vida escolar de Igor (nome fictício), estudante com diagnóstico de Transtorno Global de Desenvolvimento (TGD) -CID: 1084.0 – Autismo Infantil.

No início do ano, Igor teve assistência na Sala de AEE, onde a professora relatou que o aluno Igor chegou precisando ser acolhido. A adaptação do estudante foi bem difícil, pois tudo era novo para ele. Mas, aos poucos, ele foi se familiarizando com o ambiente e interagindo com os colegas dentro de suas potencialidades. A professora elaborou atividades nas quais Igor poderia desenvolver melhor as suas habilidades e, como resultado, ele alcançou satisfatoriamente o objetivo, dentro das próprias limitações. Dentre as habilidades, o aluno desenvolveu: o conceito de números e quantidades até 20; trabalhou a oralidade na contagem numérica; fez a associação das figuras às respectivas vogais sem dificuldade e as oralizou e; desenvolveu a coordenação motora, realizando o contorno da vogal A e seu reconhecimento.

Nos deparamos com um cenário de isolamento social devido ao vírus da Covid-19. Nesse momento de pandemia, nas aulas remotas, Igor não está tendo o acompanhamento necessário para desenvolver as habilidades que ele tinha adquirido na Sala de Recursos de forma presencial.

A responsável por Igor encontra dificuldades nas realizações das atividades propostas por mim, pois ele se nega a realizá-las. Então, intervi de forma que o estudante tivesse uma visão da realização dessas atividades. Uma dessas intervenções foi colocar uma folha ocultando possíveis respostas de cada atividade (nesse caso, a proposta era ligar figuras que envolvam percepção visual e raciocínio lógico). A mãe relatou que o estudante conseguiu com essa intervenção reconhecer e identificar algumas letras e conseguiu ter melhor aproveitamento nas realizações de tarefas de reconhecimento e identificação dos números, cores e formas geométricas. Porém, a mãe observou que o filho não se manteve entusiasmado e aberto às novas experiências.

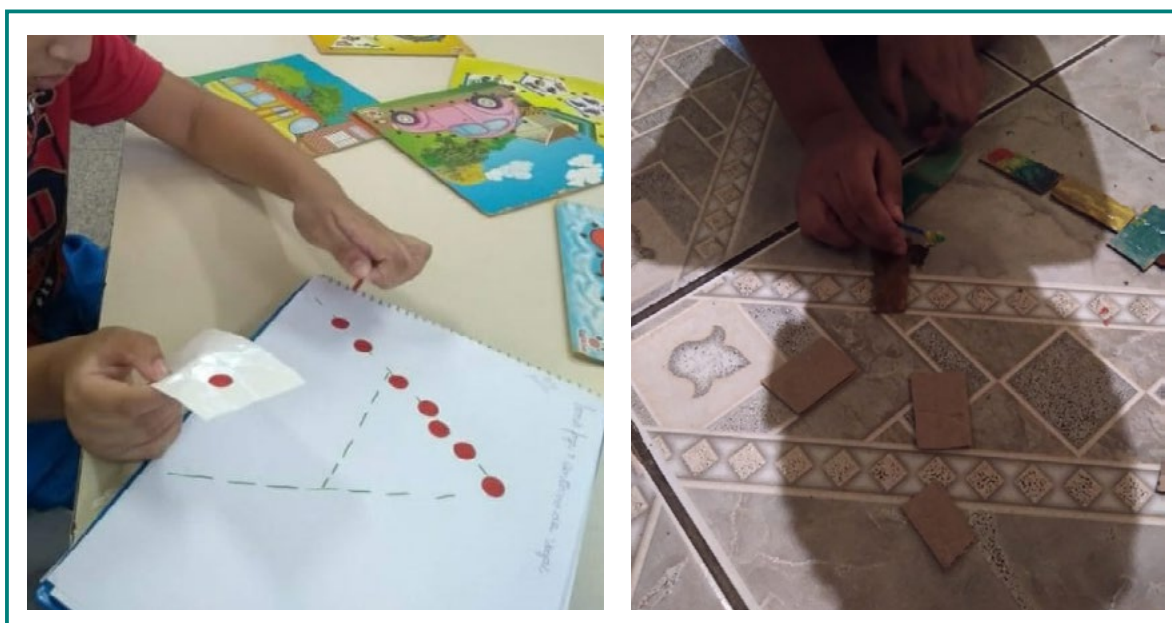
Pensando na melhor estratégia de realizar essas atividades, conversei com a responsável e, juntas, procuramos formas eficazes e prazerosas para Igor realizar essas tarefas. Sugeri a participação maior da família neste processo.

No primeiro momento, a participação da irmã mais nova, estudante da pré-escola foi primordial. Ela o auxiliava o irmão na realização das atividades, participando ativamente delas, ora indicando os números, ora alertando-o quanto ao raciocínio em suas quantidades. Esta intervenção da irmã foi muito bem aceita por Igor.

No segundo momento, ele foi estimulado a realizar as atividades de forma lúdica. Em princípio, foi proposta uma brincadeira com a participação da família, que tinha como objetivo simular o voo de um avião e aterrissar em um supermercado. Com isso, a intenção era promover a compreensão da noção de adição e subtração. Essa brincadeira não foi bem aceita por Igor. Então, percebendo isso, solicitei que a mãe realizasse essa mesma atividade com ele, mas, ao invés de simular o voo, ela deveria contar uma história sobre compras em um supermercado. Pedi para que a mãe conseguisse encartes de supermercado e, com isso, ela realizou essa atividade.

O jogo foi outra das estratégias que também foram propostas ao Igor. Essa opção teve mais retorno do que a atividade anterior, pois ele participou desde a confecção até a realização do jogo. A mãe alega que Igor se divertiu muito e que a irmã serviu também de interventora e mediadora da atividade.

AD: Abaixo duas fotos de uma criança brincando. Na foto da esquerda a criança brinca sobre a mesa com um jogo de construção da letra A e na foto da direita a criança brinca no chão com jogo de peças retangulares coloridas.



Hilsinete Senna dos Santos Manhães

Apostando nas brincadeiras e Atividades de Vida Diária (AVD)

Sou professora do CEMAEE desde 2017. Comecei lá na Sala de Informática, então, todas as crianças passavam pela minha sala. Eu lidava com todas as deficiências e eu acabava sabendo e tendo que me adaptar à necessidade de cada estudante. Desde 2018, venho trabalhando com estudantes com Transtornos do Espectro Autista. Sempre gostei de trabalhar com o brincar, pois é o brincar favorece todos os aspectos da vida da criança – sejam do ponto de vista sociológico, psicológico, criativo e pedagógico. Sabemos que, alguns autistas têm dificuldades em brincar, mas é aí que eu entro, ensino a eles a brincar. Demonstro como se pula, rola... Brinco de esconder, uso músicas (para aqueles

que gostam de dançar e cantar), entro na brincadeira... Faço uso de muitos materiais reutilizáveis (sucatas domésticas), comunicação alternativa... Porém, sempre respeitando a individualidade de cada um.

Com a chegada da pandemia, as aulas remotas têm sido um desafio grande! Troco muitas ideias com a mãe do meu aluno com autismo para que ela consiga trabalhar com ele. Continuo trabalhando os estímulos usando a ludicidade como parte principal do meu trabalho pedagógico. Como o estudante gosta de cozinha, faço uso de receitas diversas com os temas trabalhados. Também envio atividades de AVD (Atividades de Vida Diária), aproveitando o momento propício em que estão em casa.

A seguir, compartilho algumas fotos de atividades feitas pela família deste aluno neste período de pandemia:

Fazendo suco de laranja com cenoura com a família



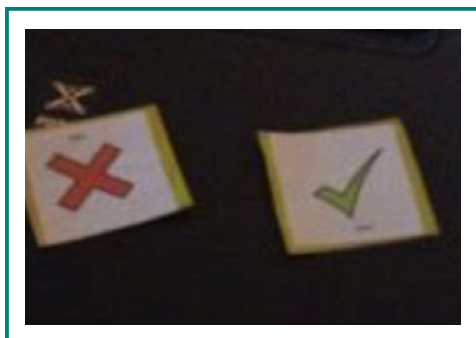
AD: Foto de mãos peneirando o suco.

Ajudando na decoração da festa junina



AD: Foto de um estudante sentado à mesa com alguns recortes de papéis coloridos e outros materiais de papelaria, escrevendo em um caderno.

Fazendo uso de algumas peças da comunicação alternativa



AD: Foto de duas peças de comunicação alternativa sendo uma um "X" vermelho e a outra um símbolo de check verde

Edmila Fernandes Bernardo

Emoções à flor da pele

Desde maio de 2020, com as aulas suspensas devido à pandemia da COVID-19, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) vem ocorrendo semanalmente de forma remota.

A partir de diálogos com responsáveis pelos estudantes com deficiência, verifiquei a dificuldade dos alunos em permanecer tanto tempo sem a escola, sem sua rotina. Tudo isso além da saudade dos colegas, gerando emoções, muitas vezes, não compreendidas, que interferem negativamente nas práticas pedagógicas, prejudicando o desenvolvimento da aprendizagem destes estudantes.

Em meio às aulas online, foi identificada a necessidade contínua de discutir com os alunos o que sentem, por que sentem e o que fazem para amenizar emoções negativas que, muitas vezes, os acometem devido às mudanças de rotina. Uma vez que cada um de nós têm maneiras diferentes de expressar emoções, logo, precisamos conhecê-las.

Com o objetivo de compreender as próprias emoções e pensamentos, identificando a sua influência em nosso comportamento e desenvolver mecanismos para lidar com essas emoções no contexto atual, foi realizado o Projeto “Cada um do seu Jeito, Conhecendo e Entendo as Emoções”.

Como atender a todos?

Com um público de 12 alunos de diferentes faixas-etárias e com peculiaridades distintas, o projeto visa desenvolver a capacidade de autoconhecimento dos estudantes com atividades, conversas, vídeos, jogos, entre outras formas de aprendizado.

O projeto é contínuo e realizado semanalmente junto às aulas remotas. Como nem todos os alunos têm acesso a este novo modelo, os materiais impressos também são entregues nas respectivas casas dos estudantes, seguindo o protocolo de segurança. Afinal, leva-se em consideração que nem todos os alunos possuem impressora, aparelhos celulares e acesso à internet.

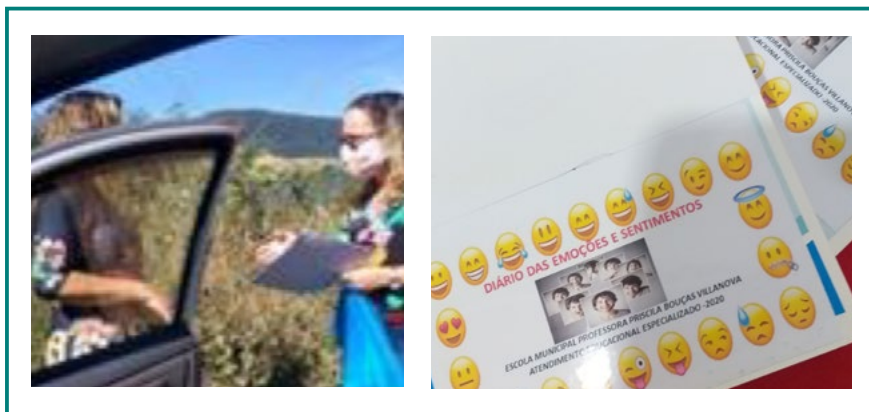
Desenvolvimento da atividade:

Utilizando recursos como: cartazes de expressões faciais distintas, videoaula via *WhatsApp*, folhas impressas, e livros como “Lata de Sentimentos” (Mônica Guttmann), “Emocionário: Diga o que você sente” (Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel) e “O Livro Dos Sentimentos” (Todd Parr), o primeiro passo foi conversar com os estudantes sobre a Pandemia, o motivo de estarmos tanto tempo em casa e os procedimentos necessários para não sermos infectados.

Escutar os responsáveis também foi muito importante para o desenvolvimento do projeto, pois as aulas remotas contribuem para um maior vínculo entre o professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a família.

Em outro momento, a conversa com cada aluno foi sobre a quarentena e que tipo de emoção eles têm vivido neste período.

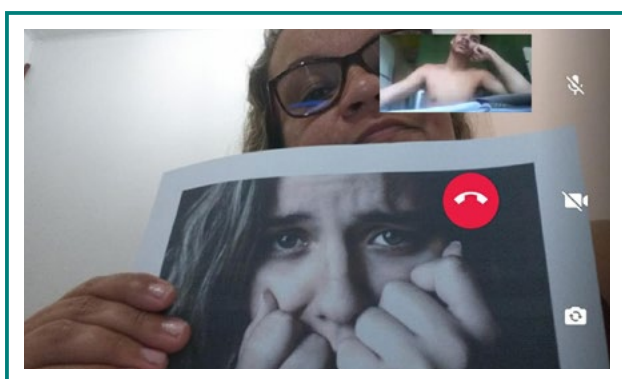
No dia da entrega dos cartões de alimentação para os responsáveis pelos estudantes, eles receberam o “Diário das Emoções e Sentimentos”, espécie de caderno para escrever, desenhar, riscar e demonstrar momentos de emoções que não consigam expressar por meio da fala. A ideia é que, quando eles desejarem, exponham as produções do diário em nossos momentos de conversa.



AD: Na foto acima e à esquerda a professora Cláudia usando máscara protetora e segurando um papel e uma sacola conversa com uma mulher na porta de um carro. Na foto superior direita capa do diário das emoções feito com um papel impresso com vários emojis ao redor e no centro a ilustração de rostos representando as várias emoções.

Nas aulas remotas de AEE, são realizadas leituras dos livros apresentados, no intuito de discutir sobre as diferentes emoções. Os livros selecionados foram escolhidos tendo em vista as diferentes faixas etárias dos alunos, como recursos para a compreensão das emoções dos estudantes.

Em uma das atividades, foram apresentados cartazes que demonstre expressões faciais distintas (raiva, alegria, tristeza, carinho, amor, entre outras) para que os estudantes possam observar e conversar sobre: quais momentos sentiram algumas das emoções vistas; o que fazem quando sentem tais emoções. E aprendam que as emoções negativas passam, só precisamos descobrir como esperar.



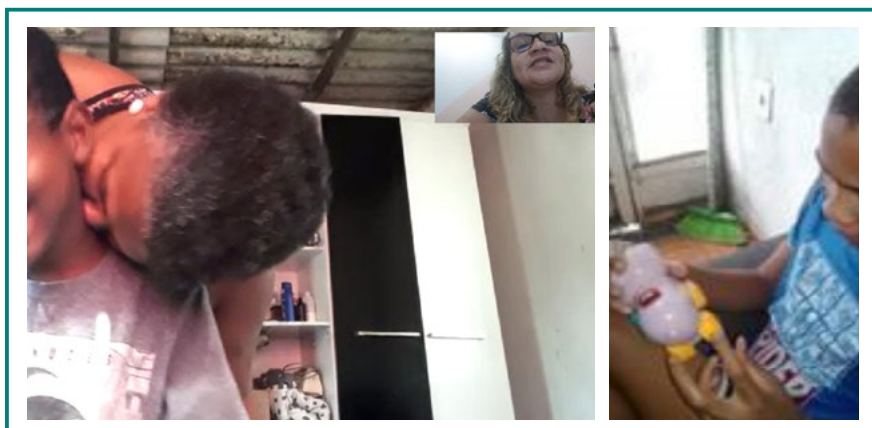
AD: À esquerda foto da professora Cláudia segurando a imagem de uma mulher com as mãos apertando as bochechas expressando tristeza, durante uma videoconferência com um estudante.

Vai passar...

Este é um projeto de aspecto contínuo, onde o diálogo sobre o assunto deve estar presente nas aulas remotas.

Percebemos que os alunos já conseguem compreender melhor a situação vivida neste período de pandemia. E já conseguem compreender que as emoções negativas devem ser trabalhadas. Foi notável que a atenção dos estudantes participantes nas tarefas acadêmicas propostas tiveram maior êxito depois que as atividades do projeto foram inseridas. Agora, eles compreendem questões importantes, por exemplo:

- Que devem esperar ficando em casa e que daqui a pouco haverá uma vacina e que poderão retornar à Escola;
- Que, quando ficam tristes, existe sempre uma pessoa da família para procurar apoio;
- Ao segurar e apertar um objeto de estima, isto pode acalmar;
- Quando a saudade de algum parente ou amigo for grande demais e este estiver longe, é preciso pedir alguém para realizar contato;
- Em momentos de emoções negativas, eles procuram ficar no quarto com celular, ficar no quintal, ouvir música, entre outras estratégias.



AD: À esquerda duas fotos. A primeira é de uma mulher beijando o pescoço de uma criança em gesto de afeto. A outra foto é de uma criança manuseando um brinquedo.

Em alguns casos, o responsável compreendeu que abraços de afago, falar baixinho em momentos de emoções fortes, colocar uma música calma e outras ações podem ser estratégias fundamentais para diminuir emoções negativas.

Tão importante quanto as atividades acadêmicas, o desenvolvimento das competências socioemocionais é essencial para promover o pensamento autônomo de crianças e adolescentes, podendo reduzir casos de indisciplina e melhorar os índices de aprendizagem.

Cláudia Regina Lima de Assis

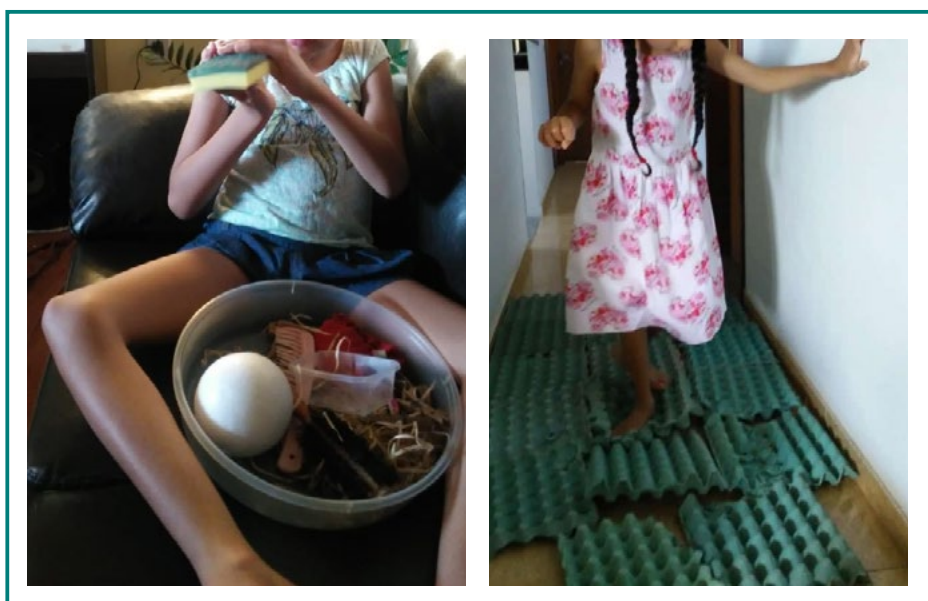
Mais calma

No decorrer deste ano de 2020, devido à pandemia da COVID-19, nossas aulas estão acontecendo de forma remota. A Secretaria Municipal de Educação e Cultura disponibilizou uma Plataforma, onde nós educadores colocamos nossas atividades e

vídeos de suporte do conteúdo para os alunos terem acesso. Nossas escolas também estão disponibilizando as atividades impressas toda semana.

Criei um grupo no *WhatsApp* com os pais dos estudantes para dar maior suporte e sanar as dúvidas dos alunos quanto às atividades. Confesso que, com o ensino a distância, poucos pais estão indo buscar as atividades na escola, acessando a plataforma e interagindo no grupo do *WhatsApp*. Acredito que deva ser pela condição de seus filhos e por não saberem como irão aplicar as atividades em casa. Os pais que sempre participaram do atendimento da Sala de Recursos estão realizando as atividades em casa e me enviam fotos com frequência. Estamos sempre dialogando e falando dos materiais recicláveis que têm em suas casas para que eu possa montar o planejamento de acordo com os recursos que possuem.

Estes pais que estão realizando as atividades remotas relataram que as crianças ficaram mais calmas depois que começaram a realização destas tarefas, pois ficavam muito tempo ociosos, sem fazer nada. Além disso, afirmaram que com as atividades estão conhecendo as potencialidades e os gostos de seus filhos, como no caso da mãe da nossa querida aluna Camila (nome fictício), de 6 anos de idade, com deficiência múltipla. “Camila gosta mais de música agitada e demonstra ter nervoso em andar por cima das cartelas de ovos!”, declara a mãe da estudante.



AD: Acima duas fotos. A primeira de uma criança sentada com uma bacia entre as pernas e dentro da bacia diversos objetos para percepção sensorial. A segunda foto de uma menina caminhando sobre caixas de ovos vazias.

Itamara de Oliveira Copello

Considerações finais

Ao encerrar este ciclo de formação do projeto Educação Inclusiva em Itaguaí, consideramos fundamental compartilhar parte das reflexões, aprendizados, práticas, experiências e trocas enriquecedoras trazidas pelos/as participantes.

A mudança da formação presencial para o modelo remoto tornou o início desta trajetória incerta diante deste contexto de pandemia. Fomos provocados/as a refletir sobre nosso papel social, nossa vida, nossa formação e como podemos superar os desafios cotidianos apoiando também os/as estudantes, sobretudo aqueles/as com deficiência.

Tomando aqui algumas provocações de Paulo Freire (1987), essa nova lógica educativa de vida-formação a qual fomos inseridos/as nos impõe “situações limites” sobre as quais não nos cabe outra alternativa senão adaptarmo-nos.

E diante dos inúmeros desafios, entre eles o de ensinar e aprender remotamente, precisamos, então, como propõe Paulo Freire, provocar os “inéditos viáveis”: soluções, possibilidades, alternativas que surgem do processo de ação-reflexão-ação tão caro aos/às profissionais que atuam na educação.

A Educação Inclusiva e mais precisamente os/as estudantes com deficiência nos ensinam cotidianamente a superar as situações limites e enxergar estes tais inéditos viáveis. Aprendemos com eles/elas que a inclusão é uma perspectiva que vai para além de inserir a criança e o/a estudante na escola, mas, sobretudo trata-se de garantir sua permanência e seu desenvolvimento cognitivo, socioemocional e comunitário compreendendo suas particularidades e individualidades e concebendo-os/as enquanto sujeito de direitos.

Chegamos ao final deste percurso formativo felizes por termos caminhado juntos/as, na certeza de que o conhecimento que construímos amplia, ressignifica e potencializa outros conhecimentos, saberes e práticas vivenciadas junto aos/às estudantes.

Esperamos que este material inspire outros/as educadores/as, gestores/as escolares e apoiadores/as da educação a seguir levantando a bandeira em prol de uma educação efetivamente inclusiva, diversa e democrática. Que suscite reflexões sobre as práticas e contribua para traçar estratégias coletivas que permitam ampliar e fortalecer a política educacional na perspectiva da inclusão em cada escola e na comunidade.

Não podemos deixar de agradecer, novamente, a cada participante que fez esse curso acontecer, transformou nossos encontros, compartilhou seus saberes, trouxe sua experiência e prática, imprimindo à formação em Educação Inclusiva de Itaguaí a potência transformadora que se pretende e espera ter na vida dos e das estudantes.

Referências

- ALVES, Fabiana Squarizzi. *Atividades adaptadas para alunos com deficiência intelectual*. 2015. Disponível em: <<https://www.reab.me/atividades-adaptadas-para-alunos-com-deficiencia-intelectual-janeiroreab/>> Acesso em: 14 de Out. de 2020.
- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Plano Editora, 2002.
- BARROS, Manoel; *Matéria de Poesia*, 5ª ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Record, 2001.
- BRASIL. *Ministério da Educação. Política de Inclusão*. 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/politica-de-inclusao>> Acesso em: 14 de Out. de 2020.
- BRASIL. *Ministério da Educação. Orientações para Implementação da Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. 2015. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17237-secadi-documento-subsidiario-2015&category_slug=marco-2015-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 14 de Out. de 2020.
- BRASIL. *Senado Federal. Atividade Legislativa*. 2008. Disponível em: <<https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ConvencaoONU.asp>> Acesso em: 14 de Out. de 2020.
- BRASIL. *Planalto Federal. Casa Civil*. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm> Acesso em: 14 de Out. de 2020.
- BRASIL. *Organização Mundial de Saúde - OMS*. 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>> Acesso em: 14 de Out. de 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança. Um Encontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 11. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GURGEL, Luiz Henrique. *Relato de prática: o que escrever? como escrever?* 2016. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/na-pratica/orientacao-para-relatos/artigo/660/relato-de-pratica-o-que-escrever-como-escrever>> Acesso em: 14 de Out. de 2020.
- LOPES, Eduardo P. *Quais são as principais características de uma parodia?* 2016. Disponível em: <<https://brainly.com.br/tarefa/7150408#:~:text=S%C3%A3o%20algumas%20das%20principais%20caracter%C3%ADsticas,a%20ela%20um%20outro%20significado.>> Acesso em: 14 de Out. de 2020.
- MOTTA, Carlos Alberto. *Mapa mental: para que serve?* 2020. Disponível em: <<https://lcmtreinamento.com.br/mapa-mental-para-que-serve/#:~:text=Mapa%20mental%20%C3%A9%20uma%20preciosa,Buzan%2C%20na%20d%C3%A9cada%20de%201970>> Acesso em: 14 de Out. de 2020.
- RODRIGUES, Maria Alexandra Militão. *Diário de bordo: algumas reflexões no oceano da educação*. 2018. Disponível em: <<https://vivendoeaprendendo.org.br/2018/10/04/diario-de-bordo-algumas-reflexoes-no-oceano-da-educacao/>> Acesso em: 14 de Out. de 2020.
- VALE. AIC. *Formação em Educação Inclusiva. Caderno de Atividades*. 2020.



AD: Contracapa na cor rosa contendo na parte superior uma padronagem que faz referência à educação, composta de figuras desenhadas na cor amarela como notas e instrumentos musicais, cubos sobrepostos com as letras A, B, C, telas de computador, livros abertos e paletas de aquarela com pincel. Na parte inferior há um retângulo branco escrito Execução e logo abaixo a logomarca da AIC e a palavra Iniciativa, em preto e logo abaixo a logomarca da Fundação Vale.

Execução:



Iniciativa:

FUNDAÇÃO VALE

